

**A Influência da Religião Católica sobre a Construção do “Ser Mulher”**

**Yasmin de Souza Oliveira**

Brasília,  
Julho de 2018

## **A Influência da Religião Católica sobre a Construção do “Ser Mulher”**

**Yasmin de Souza Oliveira**

Projeto de monografia apresentado à  
Faculdade de Psicologia do Centro  
Universitário de Brasília – UniCEUB como  
requisito parcial à conclusão do curso de  
Psicologia.

Professor-orientador: Leonardo Mello

Brasília,

Junho de 2018

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço todo o apoio dos meus pais que sempre batalharam para me proporcionar uma educação de qualidade, e sem eles, não seria possível eu ter chegado até o presente momento. E obrigado por me apoiarem com o meu sonho de ser psicóloga, mesmo minha mãe ainda tendo esperança que eu fizesse Direito.

Agradeço a minha irmã, por estar sempre me apoiando e tendo paciência em ficar me escutando falar sobre o curso, e toda a informação nova que eu estava adquirindo. De alguma forma, ela também usufruiu desse conhecimento que eu passava, pois ela se tornou a adolescente mais descontraída e inteligente da escola e do ciclo de amizade dela.

Agradeço ao meu orientador Leonardo Mello por todo o conhecimento que me foi passado, pela paciência quando eu chegava desesperada para as orientações e por deixar esse período tão estressante em algo muito mais leve e descontraído. E por ter influência na minha escolha pela psicologia social.

Agradeço aos meus amigos e namorado por terem paciência comigo nesse momento de ausência, e sempre estarem me apoiando. E obrigada por não desistirem de mim!

E por fim, agradeço a mim mesma, por nunca ter desistido do meu sonho, e mesmo com as dificuldades, sempre persisti e nunca deixei me abalar (pelo menos não profundamente). Porque, apesar do apoio de todos e da paciência, o esforço e dedicação em finalizar esse trabalho dependeu de mim, então nada mais que justo esse agradecimento.

## Resumo

A presente pesquisa visa investigar a influência da religião Católica na construção do “ser mulher”. Para possibilitar a compreensão deste fenômeno foi necessário fazer uma discussão do que é a violência contra a mulher, bem como caracterizar tal fenômeno histórica e conceitualmente. Foi feita uma descrição breve da história dos movimentos feministas, bem como o surgimento do debate sobre gênero. Tal debate deu início a um estudo sobre as relações de poder existente entre homens e mulheres, e como isso tem influência na constituição dos diferentes sistemas, desde o macrossistema até o microssistema. A presente pesquisa escolheu a religião católica como objeto central de estudo, pois ela ainda está presente na nossa sociedade, sendo fator importante para a constituição da subjetividade dos indivíduos, além da maioria da população brasileira se considerar católica. Portanto, o método escolhido para a presente pesquisa foi qualitativo, sendo a forma de mais profunda de compreender as relações e os processos dos fenômenos, dando a possibilidade de compreender os significados, valores, crenças e atitudes. Os sujeitos da pesquisa foram mulheres que se considerem católicas praticantes. Os instrumentos utilizados para construção de informações foram entrevista semi-estruturada e diário de campo. A análise das informações construídas foi feita a partir da análise de conteúdo, mediante categorias, sendo feita uma triangulação dos instrumentos de coletas de informações. Tornando possível ampliar para além da perspectiva subjetiva das mulheres, tendo possibilidade de se observar a visão coletiva do fenômeno, bem como as impressões da pesquisadora, sendo essa informação importante para a construção da pesquisa. Assim, foi possível perceber de que forma a religião católica contribui para construção da subjetividade dessas mulheres, funcionando inclusive, como um norteador das suas atitudes e valores. Além disso, observar como esses ensinamentos influenciam na forma que essas mulheres percebem o seu papel na sociedade, sendo a Igreja um espaço que ainda dissemina ensinamentos machistas e patriarcais, nos quais, estão normatizados para essas mulheres.

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher, Violência doméstica, Religião Católica.

## Sumário

<b>1 Introdução</b> .....	1
<b>2 Fundamentação Teórica</b> .....	6
<b>2.1 Histórico sobre o Feminismo e a discussão de gênero</b> .....	6
<b>2.2 A Religião Católica e sua presença na construção do “Ser mulher”</b> .....	12
<b>2.3 Como estudar tal fenômeno?</b> .....	16
<b>3 Método</b> .....	19
<b>3.1 Sujeitos da pesquisa</b> .....	20
<b>3.2 Instrumentos</b> .....	20
<b>3.3 Procedimento</b> .....	21
<b>3.4 Análise das informações construídas</b> .....	23
<b>4 Análise e Discussão</b> .....	25
<b>4.1 Perfis das participantes</b> .....	25
<b>4.2 Construção das categorias</b> .....	27
<b>4.3 Análises das informações construídas</b> .....	29
<b>4.3.1 Primeira categoria: “Mulher na religião”</b> .....	30
<b>4.3.2 Segunda categoria: “Consonância da mulher com a religião”</b> .....	38
<b>4.3.3 Terceira categoria: “Percepção de estar, ou não, exercendo esse papel</b> .....	45
<b>5 Considerações Finais</b> .....	51
<b>Referências</b> .....	54
<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	57
<b>APÊNDICE B – Instrumento de Coleta de Informações</b> .....	59

## 1 Introdução

A violência é um fenômeno muito presente na história da humanidade, que pode envolver pessoas de diferentes perfis e histórias, além de acontecer em espaços diversificados. Ela pode ser cometida de diferentes formas, desde uma manifestação física até psicológica. O autor dessa violência pode ser uma pessoa física ou até uma instituição que tenha origem no Estado, ou seja, esse é um fenômeno abrangente e multifacetado. Violência pode ser entendida como comportamentos que transgredem ou desconhecem os direitos das pessoas, direito esse ao respeito e a dignidade que cada indivíduo possui (Schaiber, Pires, Couto & Santos, 2005).

De acordo com a Central de Atendimento à Mulher <sup>1</sup>(2016), no primeiro semestre foram realizados 555.634 atendimentos, sendo que essa quantidade foi 52% superior em relação ao primeiro semestre de 2015 (364.627 atendimentos). Tais dados podem ter diferentes explicações, pelos quais, ou as pessoas estão tendo mais consciência do fenômeno da violência contra a mulher e assim estão denunciando mais ou, também podem estar tendo mais casos acontecendo. Independente de qual seja a explicação para esse aumento das denúncias, a situação se torna cada vez mais preocupante, sendo cada vez mais necessárias pesquisas e intervenções sobre o assunto.

Os perfis gerais das vítimas de violência são em sua maioria, mulheres negras (pretas e pardas), com 59,71% dos casos, seguido de mulheres brancas com 39,28% dos casos. Em grande maioria dos casos (67,63%), a vítima tem uma relação heteroafetiva com o seu

---

<sup>1</sup> A Central de Atendimento à Mulher é um serviço de utilidade pública oferecido pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Ministério da Justiça e Cidadania. A partir das ligações para o Ligue 180, a Central recebe denúncias de violência, reclamações sobre os serviços da rede, além de oferecer orientações para as mulheres sobre os seus direitos e legislações e realiza encaminhamentos para outros serviços.

agressor, sendo eles majoritariamente atuais ou ex companheiros, cônjuges, namorados ou amantes. O balanço também revelou que 78,72% das vítimas de violência doméstica possuem filhos.

A violência contra a mulher é constituída por diversas níveis, que vão desde o nível individual até um mais amplo, que seria uma dimensão social. Esses níveis têm relação entre si, pois um influencia o outro, ou seja, estudar tal fenômeno quer dizer estar atento para o que a sociedade entende por violência contra a mulher, o que uma comunidade específica entende sobre isso e como o indivíduo compreende, esteja ele ou não sendo afetado diretamente por tal condição.

Tal proposta de compreender um fenômeno específico a partir de níveis e como eles tem influência um sobre o outro, para essa pesquisa será utilizada a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano. Esse modelo sugere que para compreender de forma mais completa o desenvolvimento dos indivíduos é importante considerar tanto a ambiente imediato que ela se encontra, como também compreender que ele está relacionado com aspectos mais distantes, que afetam a vida desse indivíduo, mesmo que não diretamente. Tal modelo explica essa conexão entre os sistemas, nos quais, todos se influenciam mutuamente, sendo eles: microsistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (Bronfenbrenner, 1996).

O termo, “violência contra a mulher” nem sempre teve esse nome, sendo um campo relativamente novo de estudo, se comparado a outros. As primeiras publicações sobre violência tiveram como tema principal a violência intrafamiliar, na qual as principais vítimas das agressões eram as crianças, nas quais muitas das vezes as mães eram as autoras da violência (Schaiber, Pires, Couto & Santos, 2005). Contudo, essas mulheres não eram vistas como integrantes desse sistema familiar, que por muitas vezes eram também vítimas. Ou seja,

até o momento as questões de gênero ainda não eram discutidas como tendo influência na violência que ocorria no âmbito familiar.

Tal debate surgiu com os movimentos feministas internacionais nos anos de 1970 que passaram a reivindicar os direitos das mulheres e conseqüentemente trouxeram à tona a violência sofrida por elas. Com tal visibilidade passaram a ser discutidas as relações de poder existentes nessa violência, a qual coloca a mulher em posição inferior à do homem. Essa desigualdade presente nessa relação, produz inúmeras conseqüências, para ambos, porém quem acaba mais prejudicada nessa situação são as mulheres (Saffioti, 2004).

Essa conseqüência negativa se inicia com os comportamentos que são esperados de ambos, o homem sempre detentor do poder, sendo ele o racional e o forte. E para a mulher o que se espera é um comportamento de docilidade, fragilidade e apaziguador. Impondo assim papéis muito rígidos a serem seguidos. Por isso que o presente trabalho não terá foco na violência de gênero, pois essa abrange tanto homens como mulheres, já que ela pode ter como autor e vítima ambos (Saffioti, 2004).

Essa distinção do que é designado para homens e mulheres acaba por ser reforçada em diferentes espaços, que por conseqüência legitimam a relação de poder existente. Tendo em vista isso, o presente trabalho se debruçou em um desses espaços, que no caso será o da Igreja Católica.

A escolha da religião católica para o presente estudo se deve pela quantidade de pessoas que se auto declaram católicos romanos, de acordo com o Censo 2010 representam 65% da população, o que demonstra a predominância da religião no Brasil. Além da escolha ser por questões quantitativas, se debruçar em apenas uma religião irá possibilitar uma discussão mais aprofundada.

Apesar de historicamente a Igreja não exercer mais o poder que tinha a séculos atrás, ela ainda possui bastante influência na construção subjetiva dos indivíduos, principalmente aqui no Brasil, sendo um país predominantemente católico.

A religião católica possui em sua construção de produção do que é “sagrado” uma predominância do masculino, tendo assim normas, regras e doutrinas definidas por homens (Rosado, 2015). E como já foi dito mais acima, existe uma relação de poder na qual as mulheres estão em posição inferior em relação aos homens, conseqüentemente nesse espaço não seria diferente. Sendo assim, as mulheres permanecem ausentes dos espaços pastorais e organizacionais dessa instituição religiosa, mesmo que as mulheres aparentem ter um engajamento maior com relação as práticas religiosas, isso não se dá por elas exercerem papel central de tais atividades e sim como perpetradoras dos rituais e da memória do grupo religioso (Rosado, 2015).

Essa construção social do catolicismo de que é fundamental ao “homem” e a “mulher”, trazem noções de algo que vai além de fatos biológicos e de construções sociais e culturais. A religião traz isso como “parte da natureza humana”, algo imutável e indiscutível pois, tem uma origem divina, o que acaba por tomar a forma um dogma. Sendo essa uma construção dita imutável, a religião acaba por contribuir para a legitimidade da relação de poder existente entre homens e mulheres.

Portanto, este trabalho discute como é feita essa construção do “feminino” na religião católica, sendo ela transmitidas por gerações e contribuindo para a construção da subjetividade das pessoas do que é o papel social da mulher. Além disso, saber como que é a construção desses papéis é importante para compreender como isso pode afetar as mulheres vítimas de violência, em permanecerem em tal situação.

Isso porque, a religião assim como o restante da sociedade espera que essas mulheres cumpram determinados papéis. Alguns desses são os de esposa e mãe, sendo assim,

como fica para essas mulheres que mesmo sofrendo violência dos seus companheiros ainda permanecem em tal situação? Seria para seguir determinado papel imposto por uma religião que para elas tem função importante na construção da sua subjetividade?

Tendo em vista tais questionamentos, o presente trabalho tem como objetivo principal investigar a influência da religião Católica na construção do “ser mulher”. A resposta para tal indagação ocorreu mediante a investigação da percepção e vivência das participantes, sendo os questionamentos direcionados para uma percepção mais subjetiva do fenômeno.

Assim, os objetivos específicos deste trabalho são compreender como as mulheres percebem o que a religião diz sobre o seu papel, bem como a importância que elas dão para o que a Igreja diz. Assim como, compreender se o que a Igreja transmite sobre o papel que elas possuem, condiz com a construção individual de cada uma. Além desses objetivos, são investigados a percepção delas exercendo ou não isso que a Igreja transmite, e caso não se percebam exercendo esses papéis, como elas entendem isso.

A compreensão de todas essas questões irá contribuir para responder o objetivo principal do presente trabalho, pois tais indagações perpassam diferentes percepções que essas mulheres têm sobre o que a Igreja ensina a elas. E de que forma esses ensinamentos sobre o que é “ser mulher”, dentro do catolicismo, pode afetar as suas vidas.

Estudar esse tema é importante por inúmeros motivos. Primeiramente, existem poucos estudos, principalmente no Brasil, que relacionam gênero e religião (Duarte, 2004; Maria, 2015; Rosado, 2015; Rosado, 2017). Além disso, por essa ser uma construção sociocultural, levantar esse questionamento possibilita que ocorram transformações sociais, de gênero, de relações de poder e classe, dentre vários outros aspectos que são transpassados pela religião (Duarte, 2004).

Ademais, de acordo com uma busca realizada pela pesquisadora na plataforma Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-PSI), sendo essa uma ferramenta que agrega pesquisas realizadas não somente no Brasil, como em outros países, não foram encontrados estudos que relacionam religião e violência. Ao utilizar tais palavras chaves, violência e religião, os estudos encontrados tratavam da intolerância religiosa, não sendo encontrado nenhum artigo que busque compreender uma possível influência da religião sobre o fenômeno da violência, não apenas a de gênero, como de outros tipos também.

Além disso, é necessário um estudo mais aprofundado e crítico sobre o tema da religião e violência contra a mulher, pois os sistemas simbólicos religiosos constituem um importante mecanismo de construção da subjetividade, atuando assim de maneira estruturada e estruturante. E mesmo a religião deixando de ser o centro organizador das relações sociais, ainda exerce influência significativa na vida das pessoas e na sua formação (Duarte, 2004).

## **2 Fundamentação Teórica**

### **2.1 Histórico sobre o Feminismo e a discussão de gênero.**

Falar de violência contra a mulher implica em relacioná-lo a inúmeros outros aspectos, como foi dito mais acima, esse é um fenômeno multifacetado. Sendo assim, inicialmente será feita uma breve discussão sobre gênero, sendo esse um dos fatores mais relevantes para compreensão da violência. No decorrer da história houve uma validação científica das relações de poder existentes entre homens e mulheres. Isso se deve ao fato de associar essa questão com fatores biológicos, ou seja, uma construção que é de ordem social passa a ter o “aval” da ciência para legitimá-lo (Zanello, 2017).

Quando se observa as gravuras em livros de anatomia do século XVIII, é possível ver a forma com que era retratado o aparelho reprodutor masculino e feminino. Era possível observar uma semelhança em ambos, sendo o órgão reprodutor feminino representado de

forma semelhante ao órgão reprodutor masculino, porém atrofiado (Zanello, 2017). A mulher passa a ser vista como um homem incompleto, legitimando assim a sua inferioridade.

Contudo, se o foco inicialmente eram as semelhanças dos corpos, com o passar do tempo passou-se a definir as diferenças entre homens e mulheres. Isso aconteceu por conta das mudanças sociais que estavam acontecendo na transição dos séculos XVIII para XIX, com o advento do capitalismo. Esse sistema trouxe a possibilidade de mudança social para “todos”, porém, tal mobilidade não era alcançada por mulheres. Isso porque passou a não ser visto mais as semelhanças entre ambos, e sim as suas diferenças, sendo essa a justificativa para que ambos ocupassem espaços sociais distintos tendo diferença da valorização e do poder que esses espaços proporcionavam a quem os ocupassem (Zanello, 2017).

Os papéis de gênero são bem definidos não somente porque eles possuem uma explicação biológica, mas também porque eles são legitimados socialmente. Isso ocorre, pois, o gênero funciona como mecanismo de controle social, e ele acaba sendo tão bem efetuado porque o sujeito incorpora como fazendo parte de quem são, sendo punidos caso não sigam o que é esperado deles (Zanello, 2017). Tal afirmação pode ser vista no cotidiano, como por exemplo, determinadas funções são delegadas as pessoas não a partir das habilidades individuais, e sim dependendo do gênero. Por exemplo, pouco se observa homens exercendo a profissão de professores em classes de crianças mais novas, pois, ainda existe uma ideia de que as mulheres tem mais habilidades para cuidar de crianças, do que os homens.

É evidente que existem diferenças biológicas, são corpos distintos que possuem funções diferentes. A problematização que deve ser feita é que a desigualdade que ocorre entre homens e mulheres não tem explicação na biologia, e sim nos arranjos sociais, e como eles foram sendo construído no decorrer da história (Louro, 1997)

As reivindicações que a militância feminista propôs com o decorrer dos anos criou condições para que a violência exercida sobre as mulheres ganhasse legitimidade e gravidade,

proporcionando a criação de políticas públicas e garantia de direitos, antes negados para essa minoria (Bandeira, 2014).

As ações dos movimentos feministas estão presentes no decorrer da História, porém esses movimentos, infelizmente, não aparecem nos livros escolares. Por conta disso, aparenta ser um movimento muito mais recente do que ele é realmente. O feminismo como um movimento social mais organizado é reconhecido, pelo menos no ocidente, a partir do século XIX, tendo maior visibilidade na virada do século com manifestações contra a discriminação feminina, sendo chamado de “Sufragismo” (Louro, 1997).

O Sufragismo foi conhecido como a “primeira onda” do feminismo. Esse movimento era voltado para ampliar o direito do voto às mulheres, contudo, os objetivos por elas reivindicados partiam dos interesses de mulheres brancas de classe média. Porém, apesar do seu alcance, seguiu assim um período de acomodação no movimento (Louro, 1997).

A “segunda onda” do feminismo ocorreu nas décadas de 60 e 70, sendo uma época de mudanças culturais mais significativas para o movimento, no qual papéis sociais antes naturalizados para homens e mulheres, passam a ser questionados (Zanello, 2017). Nesse momento, o feminismo passa a ter preocupações sociais e políticas, voltados principalmente para as construções teóricas, nesse período em exato surge o termo “gênero”. É nessa época que militantes feministas trazem para o interior nas universidades e escolas questões que mobilizavam os seus trabalhos, assim surgem os estudos da mulher. Trazendo assim, visibilidade para os seus objetivos, antes ocultados (Louro, 1997).

Esses estudos iniciais trazem consigo uma forte crítica e denúncia com relação ao que as mulheres passavam. São discutidas assim as desigualdades sociais, políticas, econômicas e jurídicas, além de denunciar a opressão e submissão feminina. Assim, os Estudos Feministas trazem consigo sua marca mais significativa, o seu caráter político, colocando em seus discursos um conteúdo problematizado, subvertido e transgressor (Louro, 1997).

Porém, mesmo com a visibilidade e a garantia de direitos, a violência ainda existe e mesmo que menos explícita, ela continua sendo legitimada nos espaços públicos. Isso porque, está presente um sistema patriarcal na sociedade. O patriarcado consiste em um modelo de organização familiar, no qual, o pai, sendo o chefe, exerce poder sobre os outros membros família. Nas teorias feministas o conceito de patriarcado é usado para denominar as relações de dominação dos homens sobre as mulheres, caracterizando um sistema de organização das relações sócias com critérios desiguais de tarefas entre homens e mulheres e a atribuição de atividades e espaços diferentes para ambos, sendo tal divisão naturalizada (Pereira, 2010).

Essa divisão dos espaços consiste em dividir a quem pertence a esfera privada e pública, sendo esse mais um fator que legitima as relações de poder. Ou seja, o espaço que é destinado a mulher não possui a mesma valorização e *status*, como o que é designado aos homens. Às mulheres cabe o espaço da casa e o cuidado dos filhos e marido, sendo que a função de “dona de casa”, nem mesmo é vista como um trabalho.

E pelo fato do espaço público pertencer a mulher, o cuidado da família é imposto, cabendo a elas a responsabilidade pela felicidade da família, isentando, por vezes, o homem dessa responsabilidade, pois a ele é incumbido o papel de provedor, não o de cuidador da casa. Naturalizando assim, essa responsabilização da mulher, que por conta disso é sobrecarregada com tais funções, pois, ainda nos dias de hoje é posto que a mulher é mais sensível e por tanto, “melhor” adequada para tal função (Soihet, 1997)

Contudo, tal estruturação, mesmo que ainda presente, tem se modificado e tomado novas caracterizações. Mesmo que ainda exista essa divisão, as mulheres passaram a tomar alguns espaços públicos, ainda que as funções sejam muito similares aquelas exercidas na esfera privada, por exemplo, como cargos de cuidadoras e educadoras. Apesar de tal

conquista, o espaço privado ainda é um lugar com predominância feminina, sendo que a maioria das mulheres possui jornada dupla, com divisões das tarefas domésticas desiguais.

E, ainda sendo o cuidado do lar a atividade principal feminina, isso pode vir a resultar uma culpabilização da mulher que trabalha fora de casa e tem que dividir a sua jornada doméstica com a sua atividade profissional (Soihet, 1997). Tal construção ainda é tão presente, que nos dias de hoje não é difícil encontrar discursos nos quais, alguma mulher deixou de exercer determinado emprego porque é mãe. Tendo como justificativa que ela sempre dará prioridade ao cuidado do lar do que o seu cargo, como se elas não pudessem dar a mesma importância para ambas funções. Essa desigualdade também se expressa em uma base material, como por exemplo, a diferença salarial entre homens e mulheres exercendo uma mesma função (Pereira, 2010).

Sendo assim, a problemática do gênero vai muito além de uma discussão sobre a construção dos papéis masculinos e femininos. Os papéis são, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma determinada sociedade estabelece para as pessoas definindo como elas devem, por exemplo, se comportar e se vestir. Isso também está presente nessa discussão, porém na sociedade o masculino e o feminino assumem inúmeras formas, que vão além dos papéis sociais, eles estão presentes em diversos lugares como nas instituições (como é o caso de Igrejas, nas escolas, na política, no governo, etc.), nos discursos e nos símbolos, por exemplo. Isso não apenas ao que é a definição de ser homem ou mulher, está também na relação de poder que tais distinções significam na sociedade (Louro, 1997)

A manutenção dessa lógica das relações de poder existente entre os gêneros tem muito a ver com o fato de existir esse sistema patriarcal. Tal lógica ainda persiste por se tratar de uma violência simbólica, que se constitui de forma, quase imperceptível pelas próprias vítimas, ela é exercida mediante vias simbólicas de comunicação e do conhecimento, ou seja, ela consiste na adesão do dominado na sua condição de dominação perante o seu dominador

(Bourdieu, 2012). Essa adesão é algo naturalizado, já que os esquemas que ele mobiliza para avaliar e perceber tanto a si como o dominado são produtos dessa incorporação de classificações, da qual a sua constituição como um ser social é consequência (Saffioti, 2001).

A violência simbólica é apenas um dos muitos tipos de violência que podem surgir no cenário dessa relação de poder existente dos homens sobre as mulheres. Essa forma de dominação pode surgir mediante outras cinco formas: a física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

A violência física ocorre a partir de uma conduta que venha a ferir a integridade ou a saúde corporal do indivíduo, essa tende a ser a ser identificada com maior facilidade. A violência psicológica ocorre a partir de condutas que podem causar danos emocionais, diminuição da autoestima, ou qualquer outra atitude que venha a prejudicar ou perturbar o desenvolvimento e as ações dos indivíduos. Tais conseqüentes ocorrem a partir de atitudes como humilhação, constrangimento, ameaça, manipulação, perseguição, dentre outros. Essa tende a ser uma das mais difíceis de serem percebidas, principalmente pela vítima (Ben-Hur, 2017)

A violência sexual ocorre a partir de uma conduta que venha a coagir a vítima a presenciar ou participar de relações sexuais não consentidas. Tal atitude pode ocorrer mediante ameaças, intimidações, coação ou uso da força. Impedir que a vítima use métodos contraceptivos e forçar práticas sexuais dentro do matrimônio, também é considerada uma violência sexual. A violência patrimonial ocorre a partir de condutas que levem a destruição parcial ou total dos objetos da vítima, além da retenção e subtração dos mesmos. Incluindo instrumentos de trabalho, documentos pessoais dentre outros. E por fim, a violência moral, que ocorre a partir de atitudes que configuram calúnias, difamações ou injúrias (Ben-Hur, 2017)

Ou seja, mesmo com todas as lutas do movimento feminista e as mudanças já conquistadas, a violência contra a mulher ainda está presente, pois se trata também de algo simbólico, é um controle social sobre os corpos, a sexualidade e as mentes femininas, que constantemente são legitimados, principalmente pela estrutura familiar e societal (Pereira, 2010).

É possível observar que a violência contra a mulher se trata de um fenômeno complexo e que deve ser estudado de forma ampla. A interseccionalidade é a forma de se enxergar tal fenômeno mediante a intersecção com outros fatores sociais, como a classe social, cor, idade entre outras, isso porque essas diversas categorias sociais também são marcadores de diferenças entre as pessoas, correspondendo assim com formas específicas de opressão e desigualdade (Pedrosa, 2017).

## **2.2 A Religião Católica e sua presença na construção do “Ser mulher”.**

Como foi dito anteriormente, o fenômeno da violência contra a mulher é multifacetado e isso deve ser levado em consideração ao se estudar tal fenômeno. Contudo, o presente trabalho discuti um desses fatores, que está presente na vida dessas mulheres, a religião. Neste momento da fundamentação teórica a religião será discutida tendo em mente que esse aspecto trata de algo presente num macrossistema, sendo levantadas questões críticas de como os papéis de gênero são transmitidos para essas mulheres e como ela está atravessada pelo sistema patriarcal, presente em outras esferas da sociedade.

Apesar da religião não possuir a mesma importância social sobre as pessoas e o mundo, como antigamente, ela ainda possui forte influência na produção universal de sentidos. Mesmo com o seu enfraquecimento, houve uma atualização do seu sentido, sendo agora não mais algo obrigatório e imposto, mas sim uma escolha individual em seguir os seus dogmas e ensinamentos (Pontes & Cavalcante, 2016).

A vivência religiosa proporciona mudanças de comportamento, sendo que na visão de quem se considera fiel, tal mudança é tida como importante, ou seja, algo que melhorou a qualidade de vida, principalmente na medida em que isso foi modificando o seu olhar em relação ao mundo. Sendo que, a relação com o divino, pode ser entendida como um elemento primordial para a ressignificação na vida das pessoas (Freitas & Holanda, 2014).

A religião constitui uma parcela muito importante da vida das pessoas, oferecendo sentido e segurança, no qual ela pode dar inteligibilidade às vivências, possibilitando respostas que fogem do controle individual. Proporcionando uma forma de *coping* que as pessoas utilizam como estratégia para enfrentar momentos de dificuldade, podendo assim observar esse caráter positivo na vida das pessoas, desenvolvendo pensamentos e comportamentos de esperança e otimismo frente as adversidades da vida (Cerqueira, 2008).

A religião oferece três tipos de apoio, sendo um espiritual e dois institucionais. O apoio espiritual tem a ver com os aspectos teológicos, ou seja, um apoio a partir dos ensinamentos que são passados para os fiéis. E o apoio institucional se caracteriza pelos serviços fornecidos para a comunidade e a formação dos grupos de fiéis, proporcionando uma rede de apoio social (Cerqueira, 2008).

Tais apoios são imprescindíveis para os indivíduos, principalmente aqueles em situação de vulnerabilidade, tanto por questões financeiras ou por questões mais afetivas. Que percebem a religião como um lugar de apoio para as dificuldades que aparecem, mesmo que nesse meio tenha uma reprodução de uma violência simbólica. Contudo, as pessoas tendem a ver a religião como algo muito mais positivo que negativo.

Portanto, é imprescindível estudar como a religião tem influência na vida dos indivíduos. Isso se deve muito ao fato de que a religião, no decorrer da sua história tem norteado costumes, valores e conhecimentos acerca do mundo, sendo essa uma instituição

que é buscada por seus fiéis ou por pessoas que buscam uma conversão, com a expectativa que esta propicie um modelo a ser seguido (Freitas & Holanda, 2014).

Contudo, apesar dos aspectos positivos que a religião tem, principalmente com relação ao bem-estar dos indivíduos e desenvolvimento de estratégias de *coping*, deve-se levar em consideração os aspectos negativos que ela tem sob as pessoas. Isso porque, a religião apresenta para as pessoas valores morais, que se não forem seguidos e introjetados terão como consequência a punição, caracterizando o indivíduo como alguém que é pecador. Trazendo assim, sentimentos de culpa e conseqüentemente uma autopunição, que geram um abalo no bem-estar desses indivíduos (Cerqueira, 2008).

Portanto, os valores católicos fazem parte da construção da subjetividade, sendo ela perpetuadora de padrões de identidade e de relacionamento, sendo essa uma religião patriarcal com sua predominância de poder masculina. Os seus ensinamentos legitimam práticas de dominância presentes em outros campos sociais, tanto públicos quanto privados. Eles trazem a divisão dos papéis associados a homens e mulheres, definindo-os não somente como algo natural, mas divino. Conceito esse que está associado fortemente a ideia da “Família Sagrada”, perpetuada pela Igreja como o ideal a ser seguido.

Esse discurso disseminado e naturalizado funciona com uma forma de controle, não sendo imposta mediante força física, mas sim a partir de uma violência simbólica. E é esse o maior problema em se perceber tal fenômeno ocorrendo, isso porque ele acontece com a participação do dominador e do dominado, na qual o dominado contribui igualmente para a sua condição sem ter consciência e tendo a ilusão de que a sua situação é natural e irreversível (Bourdieu, 2012).

Essa violência simbólica contra as mulheres ocorre em diferentes espaços, que vão além dos físicos, ela está presente nas relações e na construção das subjetividades, esse é um mecanismo de controle presente na sociedade patriarcal. A Igreja, pertencendo a essa

sociedade e contribuindo para essas formas de dominação, também de utiliza desse mecanismo de dominação.

O mecanismo no qual a Igreja apoia o seu discurso é mediado pelo sagrado, que funciona como um delimitador das relações sociais, posicionando hierarquicamente as pessoas. Tal delimitação ocorre com a distinção do gênero, do que pertence ao mundo do masculino e do feminino. O masculino o polo superior, marcado pela identidade do próprio Deus, como sendo do gênero masculino, e do seu filho, Jesus, sendo o mediador da humanidade e da divindade, representado também pelo gênero masculino (Pontes & Cavalcanti, 2016).

A aparição da primeira mulher vem com uma carga, na qual, essa figura sendo representada como a devedora, em relação a humanidade. É a desobediência e curiosidade cometida pela mulher que a humanidade perde o paraíso, passando assim a culpa ser parte da estrutura feminina. Além disso, a ideologia do sacrifício está presente, e é imposta pela cultura patriarcal, que igualmente está presente na Igreja, desenvolve nas mulheres uma educação de renúncia. Características encontradas ao imaginário mais ligado à figura feminina, a maternidade (Pontes & Cavalcanti, 2016).

Essa figura feminina ligada a maternidade e a renúncia é disseminada a partir do modelo de Maria, Mãe de Jesus Cristo. Ela é posta com características de sacrifício e renúncia, e são colocados como algo que as mulheres devem seguir. Ela é uma figura muito lembrada por se “doar” de corpo e alma ao seu destino imposto por Deus, que foi o de gerar o seu filho na terra. Reforçando esse imaginário feminino, como sendo alguém que sempre cede, renúncia e está sempre disponível para o outro. Trazendo nessa construção da figura de Maria uma violência simbólica, pois ela é posta como um modelo a ser seguido de algo que é irreal, pois Maria é virgem e mãe ao mesmo tempo (Kikuchi, 2015)

A figura materna é tida como algo sagrado e natural as mulheres, cabendo as mulheres características como, geradoras e acolhedoras, e pôr a elas ser incumbido o “dom da vida”, assegurando assim a vida humana. Tais características presentes para descrever a figura feminina, pela religião, se tornam tão rígidas que em casos de aborto, por exemplo, a mulher tende a ser vista como assassina e transgressora, pois esse foi o papel que lhes foi dado por Deus, e ela o está rejeitando (Rosado & Citeli, 2010).

Esse imaginário da figura feminina também se alimenta das representações hierárquicas presentes nas cerimônias litúrgicas, sendo o Papa, arcebispos e padres figuras de autoridades e com maior número de cargos. Enquanto as mulheres exercem poucos cargos que na escala hierárquica possuem menos poder, como é o caso das Abadessas, Monjas e Freiras.

### **2.3 Como estudar tal fenômeno?**

Tendo em vista que inúmeros fatores afetam a compreensão humana no seu meio social e familiar, como já foi dito acima, o modelo teórico escolhido que possibilita estudar da forma mais ampla todas essas questões, será o modelo ecológico do desenvolvimento humano, que também é conhecido como a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano (ABDH), descrito por Bronfenbrenner (1996).

Essa teoria considera o desenvolvimento humano como sendo algo que está em constante mudança, até o final da vida do indivíduo. Os papéis, as atividades diárias e como elas tem influência no desenvolvimento intelectual, emocional, social e moral, além do meio ambiente que o indivíduo está localizado e as mudanças sofridas com o decorrer do tempo tem impacto no desenvolvimento humano. Por isso que todos esses aspectos devem ser observados e levados em consideração, tendo em mente que todos se influenciam (Silva, Azevedo, Herreira, Maria & Lenardt, 2013)

No Brasil, ainda existem poucos estudos que utilizam a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano como forma de explicar o fenômeno da violência de gênero (Carvalho, Bucher, Almeida & Souza, 2009; Batista, Trigueiro, Lenardt, Mazza & Labronici, 2013; Antoni & Koller, 2010). Apesar da pouca quantidade de estudos, todos propõem uma relação entre os níveis processual, pessoal, contextual e temporal sobre o comportamento humano, tendo em vista a violência como produto deles.

O nível pessoal leva em consideração características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais da pessoa, sendo essas importantes questões a serem estudadas que podem explicar como ocorrem as relações interpessoais do indivíduo. O nível processual se caracteriza como uma transferência de energia seja ela unidirecional ou bidirecional de um indivíduo com relação aos objetos, símbolos e outras pessoas, sendo essas constituintes do mesmo ambiente. É nesse nível que é possível estabelecer o grau das relações, por exemplo, entre a mulher vítima de violência e o seu agressor, pois é possível perceber a relação entre si e com os outros sistemas (Batista, Trigueiro, Lenardt, Mazza & Labronici, 2013).

O nível contextual é onde ocorre o desenvolvimento, composto por sistemas aninhados e interdependente que se constituem de elementos físicos, sociais e culturais. Bem como de que forma a pessoa experiencia esses elementos e as relações interpessoais estabelecidas (Leme, Del Prette, Koller & Del Prette, 2016). É dividido em quatro sistemas ambientais que interagem, sendo eles o microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema.

O microssistema é o mais próximo do indivíduo, com o qual ele interage mais diretamente, sendo constituído por relações mais próximas, como a família e a vizinhança, por exemplo. O mesossistema é um conjunto de relações entre dois ou mais microssistemas,

nos quais os indivíduos participam de forma ativa, sendo ampliado cada vez que o indivíduo frequenta um lugar novo (Bronfenbrenner, 1996).

O exossistema pode ser compreendido por estruturas formais e informais, que mesmo não contendo a pessoas em questão, influência e delimita o que acontece no seu ambiente mais próximo, como por exemplo famílias próximas e amizades. O macrossistema, que é compreendido por padrões globais de crença, valores, formas de governo dentre outros aspectos que estão presentes na vida das pessoas e que influenciam o seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996).

E por fim, o nível temporal ou cronossistema, que constitui as mudanças que ocorrem ao longo do curso de vida dos indivíduos que caracterizam mudanças biopsicológicas, além das mudanças que ocorrem no decorrer das gerações nos sistemas sociais, econômicos, políticos e culturais que são afetados pelo momento histórico em que a pessoa faz parte (Leme, Del Prette, Koller & Del Prette, 2016).

Ou seja, ter a compreensão de como esses níveis se influenciam auxilia na compreensão da violência contra a mulher, tendo assim a perspectiva de que esse fenômeno é multicausal e complexo. Por isso a dificuldade no enfrentamento para tal situação, porque não são apenas os fatores pessoais que influenciam.

Tendo como base a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, o presente trabalho irá se debruçar no decorrer da discussão a análise do microssistema, isso porque ele é experienciado. Esse termo significa que não apenas as propriedades objetivas são estudadas, mas também como o indivíduo percebe essas propriedades no seu ambiente. Tal perspectiva de análise se deve ao fato de que, o mais importante na formação do crescimento psicológico do indivíduo é a forma com que ele percebe, ou seja, aquilo que mais tem significado para a pessoa numa determinada situação é o que terá maior peso (Bronfenbrenner, 1996).

Por conta disso, que o presente trabalho se debruçou em investigar como é a percepção dessas mulheres sobre a sua religião e se existe uma influência ou não na manutenção de mulheres, vítimas de violência, em permanecerem em tal situação, que será explicada pela subjetividade de cada uma delas, tendo em vista os níveis acima citados.

Contudo, é fundamental que se tenha conhecimento de como funciona os demais sistemas, constituinte da vida dessas mulheres. Como já foi explicado, foi feita uma breve descrição do perfil geral dessas mulheres, e quais fatores explicam a violência contra a mulher, que são as questões de gênero e a definição de papéis rígidos e naturalizados que são impostos e a influencia do sistema patriarcal, ainda existente, mesmo que velado por vezes na nossa sociedade.

### **3 Método**

O presente estudo foi feito a partir do método qualitativo. Tal método trabalha de forma a compreender mais profundamente as relações e os processos dos fenômenos, sendo possível perceber os significados, valores, crenças e atitudes presentes. O fato desse método se propor a investigar os significados e relações humanas, elementos esses muito complexos, torna inviável quantificar em dados números ou médias tais questões (Minayo, 2009).

A escolha desse método pressupõe que aqui serão trabalhadas as vivências, experiências e o cotidiano das pessoas pesquisadas. Compreendendo assim as estruturas e instituições, resultados da ação humana (Minayo, 2009). Por esses pressupostos que o método qualitativo foi definido como o mais apropriado e que irá proporcionar uma visão mais fidedigna de um fenômeno que possui inúmeras relações e significados, não apenas subjetivos, como também as construções sociais que o envolvem.

### **3.1 Sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos dessa pesquisa foram 5 mulheres que se consideram católicas praticantes. Mesmo que elas não cumpram todos os deveres de um cristão, como participar das missas todos os domingos, pagar dízimo dentre outras responsabilidades que a Igreja diz que um católico deve fazer, o mais importante será elas se perceberem sendo assim.

Contudo, é necessário esclarecer que de um modo geral, todas as participantes dessa pesquisa exerciam atividades que iam além de ir à Missa aos Domingos. Todas de um modo geral, estão ou estavam, bastante inseridas nas atividades e nos rituais das suas congregações, além de todas serem inseridas ao catolicismo desde o nascimento.

### **3.2 Instrumentos**

Foram utilizados dois instrumentos para a construção das informações que foram: entrevistas semiestruturadas e diário de campo. A escolha de múltiplos instrumentos condiz com a proposta de triangulação dos mesmos, sendo que essa forma de utilizar os instrumentos prevê os diversos ângulos de uma análise, os diversos recortes, proporcionando uma visão e resultados mais amplos, sem ser restrito a uma perspectiva (Tuzzo & Braga, 2016).

Com a entrevista semiestruturada (APÊNDICE B) a pesquisadora buscou obter informações contidas na fala das atrizes sociais, sendo que esse instrumento reforça a importância da linguagem e o significado da fala (Minayo, 2009). Essas entrevistas foram individuais, visando compreender de forma mais aprofundada e subjetiva a percepção que essas mulheres têm sobre o que a religião diz sobre o papel delas, tanto na sociedade, como dentro da instituição, bem como, a importância que elas dão para isso. Além de investigar se elas se percebem exercendo aquilo que a religião diz ser o papel da mulher.

Para chegar a uma possível resposta dessas questões, as perguntas da entrevista tiveram como principais temas: investigar o que a Igreja diz ser o papel da mulher, além de questionar quais figuras bíblicas (femininas) elas identificam exercendo esse papel e de que

forma elas se identificam, ou não com essa figura. Além disso, investigar o que elas percebem sendo violência foi fundamental para compreender como elas se percebem sendo vítimas, ou não, desse tipo de situação, dentro e fora da Igreja.

E por fim, foi utilizado no decorrer do processo a confecção de um diário de campo. Esse diário consiste em relatos regulares realizados após as atividades, nele foram reunidas tanto informações objetivas quanto impressões que surgiram no encontro com o campo. Esses relatos contêm tanto informações precisas, como o dia a dia das atividades e como elas foram, dentre outras, bem como informações menos nítidas que irão ser precisadas e explicitadas posteriormente. Contudo, é importante dizer que esses relatos não se baseiam em opiniões, interpretações ou análises objetivas, eles buscam captar e descrever o que aparece na perspectiva intensiva das forças e dos afetos (Passos & Benevides, 2015).

Ao se utilizar o instrumento diário de campo, o pesquisador deixa registrado os seus sentimentos, aspectos que despertaram a atenção, emoções que emergiram, tanto pelos entrevistados como aqueles que aparecerem na pesquisadora. Tendo em vista, que a presente pesquisa se propõe utilizar múltiplos instrumentos e a partir de uma triangulação analisar o máximo de informações possíveis sobre esse fenômeno, o diário de campo traz aspectos além do individual e coletivo das entrevistadas. Entende-se que a pesquisadora influencia e é influenciada no decorrer do processo, pois está entrando em contato com novas interações nos contextos e histórias em que está se inserindo ou que estão construindo (Morais, Borba & Koller, 2016)

### **3.3 Procedimento**

Como foi dito acima, o presente trabalho se trata de uma pesquisa que se utilizou da triangulação de vários instrumentos de coletas de informações, sendo que cada um deles trata perspectivas diferentes de um mesmo fenômeno (Tuzzo & Braga, 2016). Assim, será possível

ampliar a visão para uma perspectiva subjetiva das mulheres, além de uma visão coletiva do fenômeno, bem como as impressões da pesquisadora, sendo ela parte dessa construção.

Inicialmente a pesquisadora procurou em locais próximos à sua residência espaços religiosos em que tivesse abertura para iniciar as entrevistas individuais. Nesse processo, foi possível realizar contato com uma pessoa conhecida da pesquisadora, que é católica, e com isso ela teve abertura para conhecer outras mulheres que também eram praticantes do catolicismo. Em todas as entrevistas, foi explicado o objetivo da pesquisa e após elas concordarem foi entregue o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) (APÊNDICE A), além disso, todas foram avisadas que trechos da entrevista poderiam ser utilizados nesta pesquisa, questionando se elas gostariam de permanecer anônimas ou não. As entrevistas foram realizadas em diversos espaços, onde fosse mais cômodo para as participantes. Duas das entrevistas foram realizadas no Centro Especializado em Atendimento à Mulher (CEAM) da Ceilândia, local em que a pesquisadora estava realizando o estágio obrigatório. Tais entrevistas só foram realizadas, mediante autorização da chefia do local e autorização por escrita. O procedimento foi o mesmo das demais entrevistas, porém foram realizadas nas instalações do CEAM Ceilândia.

O CEAM, é um espaço de acolhimento/acompanhamento psicossocial e interdisciplinar de orientação e encaminhamento jurídico às mulheres em situação de violência, nos quais se utilizam de ferramentas essenciais para a superação da situação de violência ocorrida, contribuindo para o fortalecimento das mulheres e o resgate da sua cidadania. Atendendo individualmente, ou oferecendo espaços de grupo para a realização das atividades. Esse espaço surgiu a partir de demanda dos movimentos feministas, dentro outros movimentos sociais locais, em debate com os gestores da política.

Esse serviço faz parte das políticas públicas direcionadas para as mulheres, estruturado pela Secretaria de Estado do Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres,

Igualdade Racial e Direitos Humanos (SEDESTMIDH). Tendo como objetivo a prevenção e o combate a violência contra a mulher. O CEAM atua na prevenção de futuros episódios de violência e auxilia na interrupção do ciclo da violência, mediante, por exemplo, interlocução com outras redes de apoio a comunidades a fim de transmitir informações e auxílio para futuras demandas.

Em todo esse processo o uso do instrumento do diário de campo foi sendo utilizado, no qual foram feitos registros das atividades que ocorreram no dia a dia, tanto nas entrevistas individuais, como também, no estágio obrigatório no CEAM e nos grupos reflexivos do Centro de Formação de Psicólogos do UniCEUB (CENFOR). Essas informações são relatos das participantes, como também as emoções que afloraram nesse processo, além das percepções que a pesquisadora teve no decorrer das atividades.

### **3.4 Análise das informações construídas**

A análise tem como objetivo compreender o sentido das informações dadas pelas participantes, identificando os conteúdos explícitos e implícitos, por elas explanados. Dessa forma, a análise se iniciou com a decomposição das informações, procurando assim observar uma relação entre os mesmos, para que todos os pontos abordados nos discursos dessas mulheres sejam contemplados na análise.

O método que será utilizado nessa pesquisa para a análise das informações se denomina método hermenêutico-dialético, utilizando da análise de conteúdo temática. A relação entre as informações deu origem as categorias, sendo um agrupamento de elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito que seja capaz de contemplar tudo, situados no contexto das atitudes sociais para melhor compreensão (Minayo, 2009). Essas categorias foram feitas após a coleta de informações, a escolha da formulação foi feita com o intuito de trabalhar apenas com o que as mulheres trouxeram, sem *inferir a priori* o que elas vão dizer, permitindo que o conteúdo que elas trouxeram seja o mais fidedigno possível.

As categorias foram feitas com a junção de informações coletadas tanto nas entrevistas individuais, como nas informações registradas no diário de campo. Sendo que para a realização dessas categorias, de acordo com Minayo (2009), foram realizados dois níveis de interpretação. O primeiro se tratou de determinações fundamentais, ou seja, determinar o contexto sócio histórico das atitudes sociais, tendo em vista que ter esse contexto bem explorado e definido permite um entendimento mais amplo daquilo que os indivíduos trazem em suas falas. O segundo nível de interpretação se caracterizou com o encontro em que a pesquisadora tem com os fatos, sendo que nesse nível as comunicações individuais, observações de condutas e costumes, análise das instituições e observação de cerimônias e rituais são considerados e analisados nesse nível de interpretação.

Minayo (2009), propõe três passos para a operacionalização desse método, sendo eles a ordenação dos dados, a classificação dos dados e análise final. Inicialmente, na ordenação dos dados foi realizada a partir de um mapeamento de todas as informações obtidas mediante os múltiplos instrumentos utilizados, que se definem por transcrição das gravações, releitura dos materiais e organização dos relatos e dos conteúdos presentes no diário de campo.

Após essa organização, foram feitas as classificações das informações, nas quais foram construídas mediante questionamentos que são feitos em cima dessas informações, tendo como base desses questionamentos a fundamentação teórica, assim serão formuladas as categorias. Para a construção dessas categorias foi levado em conta alguns aspectos. Inicialmente, elas devem ter um princípio único de classificação e devem permitir a inclusão de qualquer resposta, além disso, as categorias devem ser mutuamente excludentes, ou seja, uma resposta não pode ser incluída em mais de uma categoria (Minayo, 2009).

Por fim, após a construção das categorias, foi feita uma articulação das informações com os referenciais teóricos, tendo sempre em mente as questões que a pesquisa pretende responder, que no caso desta se referem a compreensão de como a religião católica pode, ou

não influenciar as mulheres a permanecerem em situações de violência. Contudo, é necessário ter a consciência de que o produto final de uma análise de pesquisa deve ser sempre encarado como provisório, pois em se tratando de ciência, as conclusões sempre podem ser superadas e novas informações e interpretações serão achadas para a complementação ou até mesmo mudança das interpretações obtidas na presente pesquisa (Minayo, 2009).

## 4 Análise e Discussão

### 4.1 Perfis das participantes

Para iniciar a apresentação da análise e discussão, é necessário que se tenha um entendimento maior do perfil das mulheres que foram entrevistadas. Isso porque, a presente pesquisa se dispôs a utilizar a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, e essa teoria, como foi dito mais acima, busca compreender o indivíduo como um todo. Sendo assim, é importante compreender essas mulheres no seu contexto geral, pois cada uma, apesar de serem católicas, possuem vivências e percepções diferentes desse mesmo fenômeno, exatamente porque estão inseridas em contextos diferentes e possuem histórias de vida diferentes.

Para manter o sigilo das participantes serão utilizados nomes fictícios quando forem designadas as falas de cada uma. A **participante Rosa**, é casada, possui 37 anos, tem dois filhos, trabalha fora de casa e tem nível superior completo. Ela é uma das que mais realizava atividades relacionadas a Igreja, que vão além de ir à missa aos Domingos, participando de reuniões dos Vicentinos e de outros eventos. A **participante Margarida** possui 42 anos, é divorciada, tem uma filha, trabalha fora de casa e tem nível médio completo. Assim como a participante anterior, realiza várias atividades dentro da Igreja, que vão além de ir somente a Missa aos Domingos. A **participante Violeta**, possui 45 anos, é casada, tem filhos e trabalha fora de casa e possui nível médio completo. Essa participante relatou querer

participar mais das atividades da Igreja, porém o trabalho e as atividades do dia a dia dificultam ela ser mais ativa dentro da religião, mas ainda participa da Missa todos os Domingos.

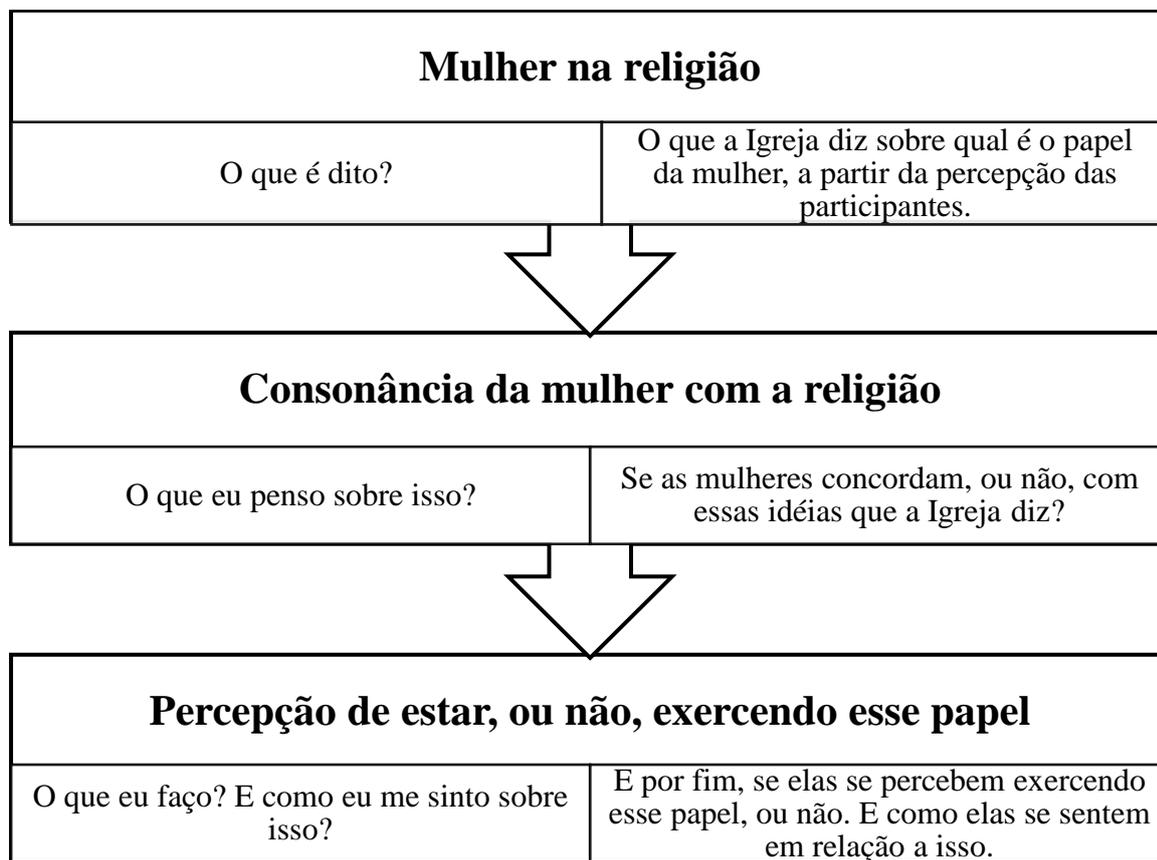
As duas próximas participantes possuem um diferencial em relação às demais mulheres, todas são atendidas pelo CEAM da Ceilândia, por conta de já terem sofrido algum tipo de violência contra a mulher

A **participante Jasmin** tem 55 anos, é casada, tem 3 filhos e trabalha dentro de casa, porém da aula particular para alunos do Ensino Médio e possui nível superior completo. Ela atualmente é acompanhada pelo CEAM, por ter sofrido violência do seu atual marido, muito por conta do quadro de alcoolismo do mesmo, que só cometia as agressões físicas quando bebia. Apesar de não estar mais envolvida na situação de violência, porque o marido e o restante da família estão tendo acompanhamento psicológico, o caso dela ainda está sendo acompanhado pelo CEAM, porém em processo de desligamento.

A **participante Lis** tem 39 anos, é casada, tem 2 filhos e não trabalha fora de casa e possui nível superior incompleto, cursando faculdade de moda. Ela está sendo acompanhada pelo CEAM, por também ter sofrido violência por parte do atual marido, tendo tanto violência psicológica quanto física. Apesar do marido não ter agredido fisicamente ela nos últimos dois meses, a violência psicológica acontece ocasionalmente e eles não conseguem manter um diálogo com o mesmo. Essa participante atendida pelo CEAM está com ressalvas com relação a separação, alegando que tem essa dificuldade por conta dos valores religiosos que possui, e por ainda ter sentimentos pelo marido, pois de acordo com ela, os melhores anos de sua vida foram gastos com ele, e não consegue se desprender disso.

## 4.2 Construção das categorias

As categorias foram construídas a partir dos objetivos específicos da presente pesquisa. Para facilitar a explicação das categorias, será feita a utilização de um esquema explicativo (Figura 1), no qual irá ajudar na visualização/compreensão.



**Figura 1.** Esquema explicativo da construção das categorias.

A primeira categoria foi nomeada como “**Mulher na religião**”, essa categoria surgiu a partir da análises feitas das informações coletadas pelos instrumentos sobre o que a Igreja diz sobre qual é o papel da mulher, tanto na sociedade quanto dentro da própria religião, isso a partir da percepção de cada uma. Trazer a percepção delas sobre o que a Igreja diz sobre o papel, além de ajudar a compreender essas construções sociais, foi possível *inferir* a importância que elas dão para isso. Pois, ao trazerem as suas percepções, estarão expondo aquilo que para cada uma é mais importante, ou seja, aquilo que ficou mais “marcado” nelas. Sendo que, nessa parte da análise e da entrevista, foi um momento mais de reprodução do

pensamento que é transmitido. Por isso foi associada a essa categoria o questionamento do **“O que é dito”**.

A segunda categoria foi nomeada como **“Consonância da mulher com a religião”**, essa categoria surgiu a partir dos relatos das mulheres, nos quais elas traziam as suas opiniões sobre as construções sociais que trouxeram sobre o que a Igreja diz sobre qual é o seu papel na sociedade e dentro da instituição, evidenciando se elas concordavam, ou não com essas colocações. Nesse momento, foi investigada a opinião delas sobre esse assunto, podendo ter uma análise que vai além da reprodução dessas ideias. Assim, será possível observar em que medida elas concordam, ou não, com aquilo que é dito.

Pois, muito além de reproduzir aquilo que a Igreja diz, para tentar compreender o fenômeno da influência da religião na mulher permanecer, ou não, na violência, é necessário compreender em que medida elas concordam, ou não com essas ideias, e se isso está de fato internalizado nelas, ao ponto de fazer parte da construção da sua subjetividade e influência no seu comportamento do dia a dia. Por conta disso, o questionamento associado a essa categoria é **“O que eu penso sobre isso? ”**.

A terceira categoria foi nomeada como **“Percepção de estar, ou não, exercendo esse papel”**, que surgiu a partir da percepção delas estar ou não exercendo esse papel esperado delas diante da Igreja, e caso não se percebam, como elas se sentem em relação a isso. Aqui foi possível investigar ainda mais o quanto essas construções sobre qual é o papel da mulher estão internalizados nelas, pois será possível perceber em que medida elas se esforçam para estarem de acordo com essa construção. E como elas lidam quando, mesmo sabendo da importância e tendo como verdadeiros tais ensinamentos, como elas se sentem diante disso. Por isso, os questionamentos associados a essa categoria são **“O que eu faço? E como eu me sinto sobre? ”**.

Ter em mente os objetivos específicos da presente pesquisa, auxiliou para que no momento da construção da entrevista semiestruturada, a mulher pudesse ter uma sequência de pensamento, que foi evidenciada com a construção das categorias explicadas acima. Essa sequência de pensamento foi estruturada para que a mulher ao falar sobre esse tema pudesse construir essa linha de raciocínio, pois foi possível perceber que muitas delas nunca tinham parado para refletir sobre tal assunto. Iniciar a investigação trazendo a percepção delas sobre o que a Igreja diz, foi fundamental para observar o que é importante para elas, pois a presente pesquisa busca essa análise mais subjetiva do fenômeno.

Em seguida, trazer a opinião delas sobre o que é dito, traz um nível de análise que vai muito além da reprodução das ideias. Pois, uma pessoa pode reproduzir determinada ideia, porém, o mais importante aqui é compreender o sentido que essas mulheres dão para o que elas estão trazendo. Sendo o sentido, uma produção multidimensional, que integra questões cognitivas e afetivas, que são construídas a partir dos processos coletivos e individuais (Duqueviz, 2017).

Essa estruturação foi feita para que no decorrer da entrevista houvesse uma espécie de “filtro”, para que fossem analisadas apenas as ideias mais importantes para elas, assim, a partir disso é possível investigar como elas se sentem estando ou não exercendo isso. Pois, tendo em vista toda essa construção, será possível responder o que faz a mulher permanecer na situação de violência, para que esses valores que ela tem sejam correspondidos, mesmo que elas tenham que sofrer para isso.

#### **4.3 Análises das informações construídas**

Tendo em vista as categorias apresentadas acima, a análise das informações irá partir do desdobramento de cada uma das categorias construídas, e trazendo as percepções da pesquisadora que foram registradas no diário de campo, sendo possível responder aos questionamentos apresentados.

#### **4.3.1 Primeira categoria: “Mulher na religião”**

A primeira categoria “**Mulher na religião**” que buscou trazer a percepção das mulheres sobre o que a Igreja diz ser o papel delas, será a primeira categoria a ser analisada. Para iniciar, será exposta a seguinte fala:

“Cuidar, zelar, assumir todas as responsabilidades que vem quando a gente adquire uma família. Assumir todas essas responsabilidades de forma madura, e a Igreja ela entra como um (*pausa*). Um suporte, para orientar, para ajudar a orientar os filhos, para ajudar a orientar a mulher, mas assim, o que a Igreja prega é que a gente como mulher tem que respeitar o marido, cuidar do marido, ser submissa.” (**Trecho da entrevista – Participante Lis**)

A fala dessa mulher, que foi semelhante à de outras participantes, traz a questão da distinção de papéis desempenhados por homens e mulheres. Como já foi citado no decorrer do presente trabalho, existe uma justificativa, que muitas vezes é disfarçada por uma linguagem científica, para explicar essa separação do que é designado a homens e mulheres (Louro, 1997). Contudo, essa distinção dos papéis de gênero vem de uma questão cultural, ou seja, é algo ensinado. Essa transmissão aparece para as pessoas a partir das relações em que elas tem com o seu contexto, sendo assim, de acordo com o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, isso chega para a pessoa a partir do seu nível contextual (Leme, Del Prette, Koller & Del Prette, 2016).

É nesse nível que o indivíduo entra em contato com elementos físicos, sociais e culturais. A noção do que é designado a homens e mulheres vem a partir da forma com que a pessoa experiêcia o seu contexto e as relações interpessoais. Pois, é a partir da relação com o outro que o indivíduo aprende certos valores e costumes da cultura em que ele está inserido.

Essa distinção dos papéis de gênero é percebida e vivenciada nos diferentes sistemas em que a pessoa está inserida, isso porque todos eles se influenciam mutuamente, então eles irão reforçar esses estereótipos em diferentes contextos. O microsistema, que é o mais próximo desse indivíduo, que seria a sua família e vizinhança, por exemplo, reproduz e reforça esses estereótipos que a religião transmite. Sendo a religião, constituinte do macrosistema, que mesmo a pessoa não tendo contato direto, como ocorre no microsistema, ele sofre influência e tem consequências no desenvolvimento do indivíduo (Bronfenbrenner, 1996).

Assim como a participante que trouxe essa fala, outras disseram que as mulheres são muito mais sensíveis e pacientes, cabendo a elas a garantia do bem-estar da família. Trazendo isso de uma forma muito natural e inerente à vontade delas, sendo essa característica associada a figura feminina. Para exemplificar a fala das outras participantes sobre o assunto, seguem os seguintes trechos:

“A mulher, ela é quem cuida das crianças, a mulher ela tem que estar na Igreja”  
(**Trecho da entrevista – Participante Jasmin**).

“A mulher ela é muito mais tolerante, acaba exercendo esse papel, desde que mundo é mundo que isso ocorre” (**Trecho da entrevista – Participante Rosa**)

Além dessa distinção de papéis, é possível perceber em sua fala a distinção dos espaços. Sendo possível observar, que mesmo com os atuais debates de gênero que estão surgindo, e as mulheres tendo consciência disso, esse sistema patriarcal da sociedade ainda é algo muito presente e naturalizado por elas (Pereira, 2010). Um exemplo dessa distinção dos espaços associados a homens e mulheres, sendo ao primeiro designado o espaço público e a mulher o privado, foi retirada da seguinte fala:

“Ela tem essa característica de que tem que ser a base da família, o homem é o esteio, é aquela figura masculina dentro família que vai prover a família, no sentido financeiro, proteção. E a mulher, normalmente é vista como a base...” (**Trecho da entrevista – Participante Rosa**)

A seguinte fala é muito representativa do que é a organização familiar dentro da sociedade patriarcal, em que o homem é o pai, o chefe da família, logo, para ele é designado o sustendo financeiro da casa, cabendo a ele o espaço público (Pereira, 2010). E a mulher, sendo a base, como dito pela participante na continuação da sua fala, é aquela que sustenta a todos, e que sem uma base forte, não é possível ter uma construção forte. Fazendo uma analogia ao que seria a família.

Esse cuidado com o lar e com a família, sendo a sua função principal e até “natural” designada a figura feminina, traz uma sobrecarga muito grande para elas, gerando, por exemplo, uma culpabilização da mulher que trabalha fora e tem que se dividir em uma jornada dupla (Soihet, 1997). Esse pensamento pode ser visto, com a seguinte fala:

“Ajudando todo mundo, mas, não impede de você querer trabalhar, se você quiser. Mas assim, a prioridade é para que a mulher cuide mais dessa parte doméstica.

Porque, no caso, o homem trabalha, ele só trabalha, e a mulher ela trabalha em casa, e se ela trabalhar fora ela tem duas jornadas de trabalho. Então a prioridade é a família, para que as coisas andem mais ou menos, equilibradas, a mulher não dá conta de desempenhar dois papéis, um deles vai ficar mal feito, então a prioridade é a família. ”

(**Trecho da entrevista – Participante Lis**)

Além disso, retomando o trecho da participante Rosa, citado mais acima, existe outro aspecto interessante a ser observado sobre essa naturalização dos papéis designados a homens

e mulheres, a mesma relata que é função do homem ser o provedor da casa, não exibindo em nenhum momento essa característica como sendo algo feminino.

O que é mais intrigante é essa desvalorização do trabalho feminino, mesmo quando exercido fora do lar, pois a participante exerce um trabalho remunerado externo, e isso não é valorizado nem mesmo por ela. Pois, assim como o seu marido, ela também é provedora do lar, porém ela não atribui a característica de “prover” a si mesma.

Retomando a primeira fala da participante Lis, na qual diz que a Igreja prega que a mulher deve ser submissa ao homem. Surge então um aspecto muito interessante sobre o significado que elas atribuem a essa palavra. Para iniciar essa discussão, será necessário trazer as seguintes falas:

“Então assim, é uma questão difícil de você conversar porque é uma submissão que muita gente enxerga como algo ruim, pejorativo, mas que no sentido maior da palavra talvez seja no sentido de ter um papel mais frágil na relação, e de ter uma aceitação maior de determinadas situações que vem dos seus companheiros e da própria sociedade. ” **(Trecho da entrevista – Participante Rosa)**

“Mas essa submissão não é aquela submissão de você ficar de baixo dos pés do marido, é uma submissão de você desenvolver com ele uma vida de cumplicidade, de amizade, de respeito mútuo e ser uma ajudadora, uma colaboradora” **(Trecho da entrevista – Participante Lis)**

“Eu acho que os direitos são iguais, e que o esposo tem que amar e respeitar a esposa, do mesmo jeito... por exemplo, se o marido trai a esposa, ela não tem que ser submissa e aceitar isso. Eu não concordo, posso estar errada” **(Trecho da entrevista – Participante Violeta)**

As falas anteriores trazem o mesmo tema central, a submissão. Essa foi uma palavra que apareceu muitas vezes, quando as mulheres foram questionadas sobre o que a Igreja diz que é o papel delas na sociedade. Inicialmente, é interessante trazer para a discussão o significado da palavra submissão. De acordo com o dicionário o significado dessa palavra é: “Ato ou efeito de submeter ou de se submeter. Obediência. Sujeição. Humildade” (Dicionário Aurélio Online, 2018).

Porém, como foi possível observar na fala das participantes, elas parecem ter significados diferentes para essa palavra. Para uma pessoa que não seja inserida no contexto religioso, essa palavra causa uma certa estranheza, ao ser associada a algo que não seja “negativo”, como foi o caso da pesquisadora no seguinte trecho do diário de campo:

“A segunda entrevistada trouxe a questão da submissão como algo que ela não considerava ruim, que para ela é mais uma questão de assumir um papel mais frágil na relação, no sentido de aceitar certas situações, não de violência, mas de uma tolerância maior. Escutar isso me causou incômodo, pois apesar de também concordar que em um relacionamento as pessoas, por vezes, toleram certas situações, ela trouxe como essa sendo uma posição feminina, e que os homens não são naturalmente assim.”

**(Diário de campo – 28/03/2018)**

O uso do diário de campo foi imprescindível para a construção da análise, não apenas dessa categoria, como das demais. Isso porque, a partir desse instrumento foi possível identificar fatores que influenciam a percepção dessas mulheres, e que não foram investigados no decorrer das entrevistas. Pois, foram questão que até o momento, para a pesquisadora, não apareceram como possível influencias para o fenômeno. Além disso, com esse instrumento foi possível associar informações que eram semelhantes, porém que aparecerem em diferentes contextos, como foi o caso dos estágios realizados do CEAM e no

CENFOR. Nos quais, as informações foram coletadas a partir da percepção da pesquisadora em espaços como os grupos reflexivos e acolhimentos, sendo possível perceber e associar informações que foram além das entrevistas individuais.

Dentro da religião católica existe uma discussão de submissão, principalmente ligado a figura de Deus, como sendo uma entidade superior no qual as pessoas devem respeitar de se submeter as suas vontades. Isso é posto tanto para homens, quanto para mulheres. Porém, não é muito disseminado que o homem deve ser submisso a mulher dentro da relação, é posto que ele deve tratar ela com respeito, assim como foi dito pela participante Violeta.

A submissão foi descrita pelas participantes como uma característica feminina, muito associada a tolerância, principalmente uma tolerância dentro do ambiente familiar, assim como foi dito pela participante Rosa, uma posição mais “frágil” dentro da relação. Como mais de uma mulher trouxe um significado parecido sobre o que é submissão, é possível *inferir* que esse é um discurso muito reproduzido dentro da Igreja, independente da congregação que a mulher esteja inserida.

Essa posição de maior fragilidade e tolerância perante a figura masculina, sendo esse um discurso naturalizado, funciona como uma forma de controle que não é imposta mediante a força, e sim de uma violência simbólica. Assim como Bourdieu (2012), traz que esse fenômeno ocorre com a participação do dominado e do dominador, sendo que o dominado contribui igualmente para a sua posição, sem ter consciência disso, tornando aquilo natural e irreversível, é possível ver a reprodução dessa violência no discurso dessas mulheres. Que na maioria não trouxeram desconforto ao falar sobre isso, apenas a participante Violeta trouxe uma ideia contrária, porém, muito ligada à aceitação da traição. Algo que de acordo com a maioria das participantes, é algo que a mulher não deve tolerar.

Essa forma de controle, é feita dentro da religião mediante a naturalização desses aspectos relacionados a figura feminina, utilizando como maior exemplo a ser seguido Maria,

mãe de Jesus. Trazendo, inclusive, que o “sucesso” da família estaria associado a mulher se espelhar nas atitudes de Maria. Isso é tão verídico, que todas as mulheres, quando questionadas sobre quem é a figura feminina que melhor representa o “ser” mulher dentro da religião, elas foram unânimes em trazer Maria. Foi possível observar como Maria é utilizada como modelo, com a seguinte fala:

“Então, a Igreja prega Maria, que foi o exemplo de todos os exemplos, e que tem todas as virtudes, e que nós devemos seguir esse exemplo, porque foi algo bom que deu certo, com ela deu certo. Então, a gente deve se inspirar para a gente achar que a nossa família também vai dar certo. ” (**Trecho da entrevista – Participante Lis**)

Todas as participantes trouxeram Maria como um exemplo a ser seguido, tanto de maternidade, cuidado e devoção a aquilo que ela foi destinada. Expondo aquilo que já foi dito no decorrer da presente pesquisa, de que a figura de Maria é muito lembrada por se “doar” de corpo e alma ao seu destino, reforçando a ideia que se tem do imaginário feminino como sendo ligado a quem cede e a renúncia (Kikuchi, 2015). A seguinte fala traz essa construção, principalmente relacionada a devoção de Maria:

“Pesquisadora: - Maria é muito definida de quais formas? O que você escuta, quando as pessoas falam sobre Maria?

Lis: - Pura. Maria era pura, era aquela submissa, que aceitou fazer a vontade do Pai, independentemente de qualquer coisa, sem questionar, ela nunca questionou, simplesmente aceitou fazer tudo que foi designado ela a fazer. ” (**Trecho da entrevista – Participante Lis**)

Contudo, é interessante observar que ao mesmo tempo que ela é posta como um modelo a ser seguido, as mulheres parecem ter um desconforto quando questionada o que

elas tinham em comum com Maria. Tal observação foi registrada do diário de campo, com os seguintes trechos:

“O interessante de perceber, é que todas sentiam um certo desconforto, quando eu perguntava o que elas tinham de semelhante com Maria, apesar de ser posta como um modelo, a comparação com uma mulher Santa, causa desconforto. Elas sempre falavam coisas como, “quem sou eu para me comparar com Maria?” Ou “nós seres humanos somos falhos”. Ou seja, a questão da culpa está muito presente no discurso católico, principalmente das mulheres.” **(Diário de campo – Dia 28/03)**

Trazendo assim, a reflexão de que a culpa está muito presente dentro da religião católica, isso de uma forma geral para todos. Apesar delas trazerem aspectos positivos com relação a religião, principalmente como sendo um espaço em que elas tem suporte para as diversas questões da vida, existe esse aspecto negativo. Assim como Cerqueira (2008) trouxe, o fato da religião apresentar esses valores morais para os seus fiéis, e mostrar que eles devem seguir esses ensinamentos, a consequência desse não cumprimento gera um sentimento de culpa e autopunição, podendo abalar o bem-estar dos indivíduos.

Essa primeira categoria surgiu com as informações coletadas sobre o que a Igreja diz sobre qual é o papel da mulher na sociedade, isso a partir da percepção delas. Assim, foi possível notar que elas naturalizam a questão da distinção dos papéis e dos espaços designados a homens e mulheres. E que mesmo as participantes que trabalhavam fora de casa, não traziam para si o papel de provedoras do lar, por exemplo.

Além disso, a submissão que é pregada para elas como sendo algo mais positivo, a fim de colocá-las como sendo as responsáveis pelo cuidado do lar, e sendo mais tolerantes como as situações que acontecem no dia a dia. Sendo essas características associadas a figura feminina, como sendo algo inerente a elas.

E foi possível inferir a religião tem papel fundamental para essas mulheres conseguirem definir o que são as questões de maternidade, cuidado, submissão e casamento. Pois, elas trouxeram aquilo que de alguma forma foi introjetado por elas, sendo possível dizer que esses são valores importantes na vida delas.

#### **4.3.2 Segunda categoria: “Consonância da mulher com a religião”**

Seguindo com a análise das informações construídas será dado início a análise da segunda categoria “Consonância da mulher com a religião”, que surgiu a partir da opinião que as mulheres têm sobre essas construções sociais de qual seria o seu papel dentro da sociedade e dentro da própria Igreja. Porque, mais importante que as propriedades objetivas, que no caso seria apenas a reprodução dos valores religiosos, o mais importante, para a presente pesquisa, é investigar como elas percebem essas propriedades, tendo em vista que o microsistema que elas estão inseridas é experienciado (Bronfenbrenner, 1996).

De um modo geral, foi possível observar que as mulheres concordam com aquilo que a Igreja traz sobre qual é o seu papel. Pois, quando trouxeram os aspectos que foram elucidados na primeira categoria, elas de um modo geral, não traziam questionamentos com relação a isso. As seguintes falas trazem, como que para essas mulheres o que a Igreja diz acaba sendo um norte para as suas atitudes:

“Pensando bem, deixa eu te falar, a religião tem um valor importantíssimo, mesmo. Porque é de onde a gente tira os valores né? Porque, o que tá na bíblia é a nossa vida”  
**(Trecho da entrevista – Participante Jasmin)**

“E a mulher ela vê na Igreja uma esperança de conscientização dos filhos e do marido. É uma forma de inserir conhecimento neles, que ela não tem para dar e que ela não alcança em outros locais. ” **(Trecho da entrevista – Participante Lis)**

De acordo com Freitas e Holanda (2014), a relação com o divino é algo primordial para a ressignificação da vida das pessoas, apesar de ter aspectos negativos ela tem esse lado positivo de ajudar as pessoas a modificar o seu olhar em relação ao mundo. Para essas mulheres, a Igreja trouxe um direcionamento de como elas devem pensar e agir, e isso traz conforto a elas, principalmente quando elas conseguem ter atitudes e pensamentos que vão de acordo com esses ensinamentos.

Esse lado positivo da religião, também apareceu como forma de superação da violência. E o interessante de se observar, é que elas veem a religião como sendo algo muito positivo dentro das suas vidas. Como foi possível perceber nos campos dos estágios, a partir dos seguintes trechos do diário de campo:

“Uma das mulheres, atendidas no CEAM, trouxe a religião como algo positivo para a superação da questão da violência. De acordo com ela, com esse tempo que está dispondo para as atividades da Igreja e os grupos de caridade ela está se sentindo melhor e tendo a possibilidade de ter o seu espaço. Essa senhora era atendida no CEAM, porque sofria agressões do neto usuário de drogas. E muitos desses grupos comunitários que ela participa, são para dar auxílio para pessoas dependentes químicas e portadoras do vírus HIV/AIDS. Sendo que o filho dela morreu em decorrência disso. ” **(Diário de campo – Dia 15/03)**

“Hoje ocorreu o Grupo de mulheres no Cenfor. Foi um encontro em que muitas das mulheres aparentam ser cristãs, não tenho noção ao certo se todas eram católicas, porém muitas delas, novamente, trouxeram a religião como algo positivo, e que as auxiliou a superar as situações de violência. O que só vem reforçando a minha percepção de que a religião pode exercer inúmeros tipos de influência nas mulheres, e

elas tendem a ver isso de uma forma muito mais positiva. ” **(Diário de campo – Dia 06/04)**

Assim como traz Cerqueira (2008), a religião proporciona uma forma de *coping*, para essas mulheres. Como fala a participante Liz, que para ela a Igreja é um lugar de apoio, não só para ela, como também para a conscientização dos filhos e marido.

Além disso, foi possível *inferir* que elas de um modo geral, concordam com o que a Igreja diz sobre qual é o papel da mulher. Quando questionadas sobre o que elas tinham de semelhante com Maria. Muitas trouxeram a questão da maternidade, e do cuidado, como exemplifica os seguintes trechos:

“Mas eu percebo sim algumas coisas com relação a proteção e ao querer o melhor e, assim como Maria, ensinar para os meus filhos o caminho da verdade. ” **(Trecho da entrevista – Participante Rosa)**

“Eu tenho um pouco esse lado de Maria de acolher o próximo. ” **(Trecho da entrevista – Participante Margarida)**

“Pesquisadora: - Quais características de Maria você acha que tem em comum?  
Violeta: - O cuidado com os filhos. A maternidade. ” **(Trecho da entrevista – Participante Violeta)**

Retomando a análise feita a partir da primeira categoria, de que Maria é posta como um exemplo a ser seguido de maternidade, cuidado e devoção. Sendo que, essas ideias impostas ao imaginário feminino (Kikuchi, 2005). É possível perceber pela fala das participantes como elas, de fato, trazem isso para suas vidas.

Porém, apesar de elas concordarem, de um modo geral, com o que a Igreja diz sobre qual é o papel delas dentro da sociedade, é possível perceber em algumas falas certas ideias um pouco mais críticas sobre o assunto. Essas ideias parecem estar muito associadas com as

atuais discussões de gênero que estão acontecendo e a forma com que elas estão sendo inseridas dentro da religião, mesmo que de forma mais “tímida” elas aparecem nos discursos dessas mulheres, como é o exemplo das seguintes falas:

“A mulher tem esse papel de tolerar mais determinadas situações para que permaneça o casamento, mas veja bem, eu não estou falando de suportar. Para mim tolerar é diferente de suportar, você não tem que suportar tudo para manter um casamento. ”

**(Trecho da entrevista – Participante Rosa)**

“Pesquisadora: - Esse modelo de mulher, que você me falou, que é a base, você concorda com isso que a Igreja diz? Discorda? Ou tem algumas partes que você não concorda tanto?

Violeta: - Eu só não concordo muito quando falam que a mulher tem que ser submissa, aí essa parte da submissão é que eu não concordo muito. ” **(Trecho da entrevista – Participante Violeta)**

Essas discussões de gênero aparentam atingir as mulheres de forma mais fácil, principalmente quando elas estão inseridas em congregação que são menos conservadoras. As próprias mulheres trouxeram essa percepção. Elas trazem uma comparação com os líderes mais antigos, em relação aos mais novos, e esses discursos mais atualizados com relação aos papéis de gênero, quando sendo disseminados dentro da Igreja, parece atingi-las com mais facilidade. Para exemplificar, serão apresentados os seguintes trechos:

“A Igreja para que haja uma disseminação maior, porque a Igreja consegue fazer isso. O líder religioso, se ele tiver uma cabeça aberta ele consegue lidar com determinadas situações que não necessariamente tem que ser tratadas em uma determinada religião,

mas ele pode trazer para disseminar mais essa questão” (**Trecho da entrevista – Participante Rosa**)

“Ele diz que você não pode viver dessa forma, tem líderes que tem ideias diferentes, que alguns são mais retrógrados. ” (**Trecho da entrevista – Participante Margarida**)

“Ele é um padre jovem, ele estava aqui e eu fui, ele é maravilhoso. Ele é aquele tipo de padre, que ele não mede as palavras para falar, ele é ótimo. Ele é o típico padre da época de hoje. Ele é mais jovem, mais moderno. Ele é maravilhoso, minha nossa! Se tivessem padres assim nas paróquias, era lotado, porque o homem é “fera”. (**Trecho da entrevista – Participante Jasmin**)

Assim, é possível dizer que a mulher pode ter uma percepção diferente sobre o seu papel, a depender da congregação em que ela participa. Apesar da distinção dos papéis de gênero ainda ser algo muito disseminado dentro da religião, como foi discutido na primeira categoria, é possível perceber um movimento de discussão sobre isso dentro da religião. Tal fenômeno pode ser percebido, principalmente, com o Papa Francisco que tem um discurso mais atual e até mesmo mais progressista com relação a algumas ideias mais rígidas dentro da religião.

Porém, a Igreja ainda se trata de uma instituição muito fechada para o “novo”, e apesar desse esforço para a mudança, por parte de algumas congregações, é possível perceber um movimento reverso, de um conservadorismo mais extremo. E isso fica presente na fala dessas mulheres, que apesar de terem ideias menos conservadoras sobre o tema em relação a gerações passadas, tendem a manter aquilo que é tradicional. Como é o exemplo da seguinte fala:

“Então assim, eu particularmente costumo tentar um equilíbrio entre a questão religiosa e a questão atual, ao que eu vivo, a minha vivência e as coisas que eu acredito, que eu também acredito que são corretas. Então eu tento ter um equilíbrio para não ficar somente naquilo que a Igreja diz, mas também para não ficar só naquilo que a sociedade coloca como correto.” **(Trecho da entrevista – Participante Rosa)**

A segunda categoria surgiu com as informações coletadas sobre a opinião das mulheres sobre as construções sociais que elas próprias trouxeram sobre o que a religião diz sobre qual é o seu papel dentro da sociedade e da instituição. Ou seja, o sentido que elas dão para essas construções, que integram questões cognitivas e afetivas, que surgem a partir dos processos coletivos e individuais (Duqueviz, 2017).

Tendo em vista essas questões, foi possível perceber que as mulheres consideram aquilo que trouxeram como sendo o papel da mulher na sociedade e da religião como sendo algo importante para elas, funcionando inclusive como norteadores para as suas atitudes. Isso porque, o microssistema no qual essas mulheres estão inseridas, é influenciado pelo macrossistema, que no caso é a religião católica. E o fato delas concordarem com o seu papel dentro da sociedade, vem da percepção que elas têm sobre o seu contexto, principalmente esse que é mais próximo delas.

Isso ocorre, pois, o microssistema é experienciado, o que significa que o indivíduo não irá considerar tudo o que é transmitido para ele como importante. Ou seja, essas mulheres percebem as propriedades objetivas, que no caso foram aquelas analisadas na primeira categoria. Que tem a ver com a transmissão direta do que é o papel delas na sociedade. Contudo, elas irão perceber tais informações de forma diferente, sendo influenciadas pelo seu contexto mais próximo e tendo em vista o nível pessoal de cada uma, que considera características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais. Por isso que, apesar

delas trazerem aspectos semelhantes, cada uma experienciou e transmitiu aspectos importantes de formas diferentes (Batista, Trigueiro, Lenardt, Mazza & Labronici, 2013).

Sendo que elas percebem a religião dentro da vida delas como algo positivo, que inclusive as auxilia tanto no cuidado com a família, como na superação da violência, como exemplificado mais acima. Assim como traz Cerqueira (2008), que a religião proporciona estratégias de *coping* para essas mulheres.

Contudo, elas têm opiniões mais críticas com relação a certos ensinamentos mais conservadores, como a submissão extremas as mulheres em relação aos maridos, e suportar situações muito extremas para permanecer no casamento. E essa visão mais crítica está muito associada a congregação em que a mulher está inserida, na qual as menos conservadoras tem papel fundamental para esse tipo de pensamento.

Ou seja, apesar do macrosistema (a religião católica) influenciar diretamente o microsistema dessas mulheres existem outros fatores que podem ter efeito diferente na forma com que elas irão entrar em contato com esses ensinamentos. Que no caso estão mais associados ao nível temporal ou cronossistema, isso porque, as mudanças que ocorrem no decorrer as gerações nos sistemas sociais, econômicos, políticos e culturais são afetadas pelo momento histórico em que o indivíduo faz parte. Ou seja, com os debates de gênero e conquistas feministas que ocorreram com o decorrer dos tempos e tem impacto na atual sociedade, foi possível observar essa influência, mesmo que discreta, no discurso delas (Leme, Del Prette, Koller & Del Prette, 2016).

Porém, apesar desses posicionamentos mais críticos, a Igreja ainda é uma instituição conservadora e que reproduz essa distinção rígida dos papéis de gênero. E as mulheres que estão inseridas em congregações menos conservadoras, tentam conciliar esses valores impostos pela Igreja, com o atual debate e conquistas femininas que acontecem atualmente.

#### **4.3.3 Terceira categoria: “Percepção de estar, ou não, exercendo esse papel**

Dando continuidade à análise das informações, será iniciada a discussão da última categoria “**Percepção de estar, ou não, exercendo esse papel**”, que surgiu a partir da percepção das participantes estarem, ou não exercendo o papel que a Igreja coloca como sendo o da mulher, e como elas se sentem em relação a isso. Lembrando que, com o decorrer da presente discussão, foi possível observar o que para elas é importante, como já apresentado na análise da segunda categoria. Sendo possível ter noção de como elas se sentem quando não exercendo em sua vida cotidiana aquilo que é importante para elas. Esse será o foco dessa última análise.

Como foi apresentado na segunda categoria, quando questionadas sobre o que elas tinham em comum com Maria, muitas trouxeram a questão da maternidade, de que elas se esforçam em seguir o exemplo da Santa. Porém, existe um certo desconforto em se comparar a essa mulher, por se tratar de um modelo que é posto até como inalcançável para uma mulher “comum” (Kikuchi, 2015).

Tendo em vista, principalmente essa questão da maternidade como maior exemplo do que elas seguem em relação a Maria, é possível notar uma sobrecarga nessas mulheres. Ao mesmo tempo em que se percebe um orgulho em dizer que seguem o exemplo de Maria, é possível observar essa sobrecarga em cima delas em sempre serem as que sustentam a família, mesmo que elas não apresentem isso de forma explícita. Pois, como já foi explorado na primeira categoria, elas naturalizam esses papéis designados a homens e mulheres, sendo a elas colocado toda a carga de garantia de bem-estar da família (Soihet, 1997).

A figura de Maria, sendo posta pela Igreja como modelo a ser seguido, tem bastante influência em como essas mulheres estão se relacionando e experienciando seus microssistemas. Isso porque, tendo em vista que a religião é um fator importante para as suas

vidas, sendo ele, por vezes, um norteador dos seus valores e de como elas devem seguir as suas vidas, ele terá influência no microsistema dessas mulheres.

Ou seja, as formas com que elas irão desenvolver as suas relações interpessoais terá influência desses valores que são transmitidos a partir do macrosistema. E como tem impacto na forma com que elas irão se relacionar, terá impacto no nível pessoal. Pois, esse nível leva em consideração características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais da pessoa, sendo essas importantes questões a serem estudadas que podem explicar como ocorrem as relações interpessoais do indivíduo (Batista, Trigueiro, Lenardt, Mazza & Labronici, 2013).

Ou seja, é possível perceber um impacto desses valores transmitidos a partir do macrosistema, no nível pessoal dessas mulheres. Pois, ele afeta as questões cognitivas, que tem a ver com a forma que elas percebem aquilo que é importante para elas, conseqüentemente tendo um impacto emocional, que irá afetar o comportamento delas. Que no caso, está ligado a essa sobrecarga que as mulheres têm em manter o bem-estar da família. Pois, elas percebem sendo esse um aspecto importante, e isso está ligado a questões emocionais, como se sentir triste em não conseguir garantir esse bem-estar da família. E todos esses aspectos terão impacto na forma com que elas irão se comporta, que será mais influenciado a esses valores que elas consideram importante.

Um exemplo dessa sobrecarga que a mulher tem em manter a família, apareceu quando as participantes foram questionadas o porquê de algumas mulheres permanecerem na situação de violência. Segue um trecho de entrevista que pode elucidar o que de um modo geral elas responderam:

“Sim, esse medo da família se desfazer. O mundo anda tão difícil né? Antigamente não, filho obedece pai, obedece mãe direitinho. Qualquer coisa os filhos ficam tudo

rebelde, por qualquer motivo tá todo mundo com depressão, antes os meninos não tinha depressão, não tinha nada, uma palmadinha resolvia. Hoje é mais difícil. ”

**(Trecho da entrevista – Participante Violeta)**

O interessante é que em nenhum momento as participantes trouxeram que o homem tem essa preocupação em desfazer a família, elas colocaram como essa sendo uma preocupação principalmente da mãe. E isso gera um sofrimento na mulher, que em situação de violência, que é o caso abordado na presente pesquisa, pode influenciar na decisão dela em sair dessa situação, seja denunciando, separando ou quebrando o ciclo da violência, ainda que permanecendo com o parceiro.

As duas participantes que foram vítimas de violência, trouxeram essa sobrecarga e conseqüentemente o sofrimento em algumas de suas falas. Como é o exemplo do seguinte trecho:

“E eu, dentro da minha casa, tenho que dar exemplo, entendeu? Então assim, eu sou mãe não sou? Eu choro também, eu sofro também, não foi fácil, tudo me culpam, mas eu sei que eu fiz o certo e um dia meus filhos vão saber, eles sabem disso. ” **(Trecho da entrevista – Participante Jasmin)**

Outro aspecto interessante, é que essas participantes que já foram vítimas, relataram como que a Igreja lidou quando elas tomaram a decisão de denunciar seus companheiros. Ambas trouxeram a desaprovação com relação a essa atitude, no qual a os líderes disseram para ela ter paciência e que buscassem outras soluções. Como é o caso do seguinte trecho:

“Lis: - Nessa questão agora, dessa denúncia que eu fiz, a Igreja tem ciência disso, e eu fui criticada.

Pesquisadora: - Como que foi?

Lis: - Porque assim, os catequistas que me acompanhavam na época, eles se apavoraram, se assustaram com a minha atitude. Teve uma catequista que me criticou, e falou: “como assim você denunciou o seu marido?”, na visão dela, ela achou que estava incorreta essa minha atitude, que não era assim que eu deveria ter agido, que era para eu ter tentado outra forma. Mas, eu tentei todas as formas e não funcionou, então chegou nesse ponto né? Depois, com o tempo, vem um outro entendimento, de que... Se chegou a esse ponto da violência, e precisou tomar essas atitudes é porque, não tinha outro meio. ” **(Trecho da entrevista – Participante Lis)**

O interessante de se observar na presente fala, e em outras que aparecerem semelhantes, em nenhum momento, de acordo com as participantes, a Igreja buscou responsabilizar e trazer esses homens para o diálogo. Recaiu a mulher ser a responsável por “salvar” o casamento, e cabia somente a ela criar estratégias para sair dessa situação, tirando essa responsabilidade do homem.

Trazendo o que Zanello (2017) diz sobre os papéis de gênero funcionam como um mecanismo de controle social, no qual os indivíduos que não incorporam essas expectativas são punidos. E a Igreja, estando inserida na sociedade machista e patriarcal, reproduz isso, punindo as mulheres que não conseguem manter o casamento e a família unida. Reforçando ainda mais o que Soihet (1997), traz ao dizer que é função da mulher cuidar do bem-estar de toda a família, e mantê-los unidos, mesmo que em consequência disso cause um certo sofrimento.

Sendo essa uma naturalização do que é designado a mulher. Pois a ela pertence o espaço privado, que é o cuidado com o lar e com família, e ao homem o espaço público, que normalmente é associado ao sustento da casa, característica essa trazida pelas próprias mulheres (Pereira, 2010). Por conta disso a sobrecarga somente dada a mulher em ser a

responsável por manter a família, enquanto o homem não é responsabilizado por tal cuidado. Por isso que em nenhum momento a Igreja buscou trazer esses homens para discutir e responsabiliza-los pela situação em que a família estava, principalmente no caso das duas participantes em que os homens não deixavam de sustentar a família. Pelo menos não tanto quanto essa responsabilização era direcionada as mulheres.

Tal distinção dos espaços designados a homens e mulheres é tão presente, que a participante Lis trouxe isso em um dos atendimentos realizados no CEAM, no qual foi retirado o seguinte trecho do diário de campo:

“A atendida trouxe algo muito interessante no atendimento de hoje. Ela disse que as pessoas não conseguiam entender porque ela tinha denunciado o seu marido, sendo que ele era um homem tão bom. As pessoas alegavam isso porque além dele não se mostrar um homem agressivo fora de casa, ele nunca deixou nada faltar dentro do lar, a família nunca passou necessidades. E isso era motivo para as pessoas questionarem a sua atitude, como se o fato dele prover o sustento da família fosse a sua única função, e que ela deveria agradecer por ter um homem assim.” **(Trecho do diário de campo - 06/04)**

Com essa terceira categoria foi possível observar que de um modo geral, para essas mulheres, não estar de acordo com o que a Igreja diz que é o seu papel, gera um sofrimento. Pois, além delas não estariam suprindo uma expectativa que é tanto social, quanto individual, no caso das mulheres inseridas na situação de violência, isso influenciou elas tomarem a decisão de sair dessa situação.

A Igreja, assim como outros espaços dentro da sociedade reproduzem essas distinções dos papéis de gênero, e assim como traz Zanello (2017), essa configuração de sociedade punir a quem não cumpre com essas expectativas. Fazendo uso de uma violência simbólica,

que por não se utilizar de artifícios físicos para esse controle, usa da participação do dominado e dominador, para que essa reprodução continue (Saffioti, 2001).

No qual essas mulheres se sentem até culpadas por estarem quebrando o ciclo da violência, denunciando os seus agressores, e conseqüentemente sendo acusada de estarem destruindo as suas famílias. Para exemplificar esse fenômeno segue o trecho do diário de campo:

“Hoje foi o acolhimento de uma mulher aqui no CEAM. O que mais me chamou atenção no caso dela, foi a culpa que ela colocava em si própria por ter denunciado o ex companheiro. Ele está perseguindo ela e os filhos, xingando e ameaçando a todo o momento. E mesmo tendo consciência de que fez o certo, ela se sentia culpada por ter “colocado” ele na prisão, ela inclusive se preocupava com ele dentro da cadeia, se ele estaria se alimentando e sendo tratado bem. Ela não tinha noção de que ele estava sendo preso, não pelas atitudes dele e que ele é quem estava errado em descumprir a medida protetiva. Foi com esse caso que eu percebi como que a mulher sempre é culpada por tudo o que acontece dentro da família. Já perdi a conta de quantas vezes eu já escutei que a culpa era da mãe pelo filho, por exemplo, ser usuário de drogas. E em nenhum momento ouvir que a culpa era do pai, ou pelo menos que a culpa era dos dois. Esse caso me fez perceber nitidamente essa questão, e que nem precisa ter alguém culpando essa mulher, ela própria faz isso, o que só demonstra essa naturalização de que é função da mulher cuidar e zelar pelo bem da família” (**Trecho do diário de campo - 02/05**)

Esse trecho do diário de campo traz com clareza aquilo que Saffioti (2001), traz ao dizer que a violência simbólica tem em sua constituição a participação do dominado para a perpetuação dessa violência, pois isso nutre a ideia de naturalização da sua situação de

opressão. O atendimento dessa mulher deixou explícito essa participação e essa naturalização, pois, mesmo tendo consciência de que ela teve a atitude mais adequada para proteger a si mesma e a sua família, ela tem o sentimento de culpa por estar “destruindo” a sua família. Pois esta naturalizado para essas mulheres o seu papel enquanto mulher, e a sua posição de opressão. E sendo essa condição naturalizada, quebrar esse ciclo romper aquilo que é posto, gerando repressão, não apenas por parte das pessoas de fora, como uma repressão infligida a si mesma, por estar desvirtuando daquilo que elas foram ensinadas desde muito novas a serem.

## **5 Considerações Finais**

A presente pesquisa se debruçou em investigar a influência da religião Católica na construção do “ser mulher”. Sendo que, a discussão sobre esse fenômeno se deu a partir da percepção das mulheres praticantes do catolicismo. A fim de investigar como elas percebem a si mesmas, enquanto praticantes dessa religião e como isso pode afetar o que elas pensam sobre si próprias.

Foi possível perceber a partir das análises realizadas, que a religião possui influência muito significativa na construção da subjetividade das pessoas, ao ponto de utilizarem os seus ensinamentos, como nortes para como eles devem agir e guiar as suas vidas (Freitas & Holanda, 2014). Sendo assim, essas mulheres, de um modo geral, concordam com o que a Igreja diz sobre qual é o seu papel na sociedade. Que está associado ao cuidado com o lar e a garantia de bem-estar da família, no qual esse é associado a sua função principal.

Não apenas a divisão rígida dos papéis de gênero surgiu em seus discursos, como a divisão dos espaços foi algo muito presente. Mesmo as mulheres que tinham atividade remunerada fora do lar, não associavam o papel de prover, a sua imagem, essa era associada a figura masculina. Sendo possível notar essa desvalorização do trabalho feminino, pelas

próprias mulheres, que eram tão provedoras quanto os seus maridos, porém não se percebiam assim.

E não estar em acordo com esses ensinamentos gera sofrimento para essas mulheres, pois como já foi dito, a religião tem um papel importante em nortear as atitudes das pessoas, e não estar em consonância com isso, que para essas mulheres é importante gera esse sofrimento. Sendo possível observar, como essa distinção de papéis de gênero funciona como um mecanismo que auxilia a reprodução de uma violência simbólica nesse espaço (Saffioti, 2001).

Contudo, foi interessante observar que a religião, apesar de ser mais um espaço de reprodução desse sistema patriarcal e machista, ela possui um aspecto positivo de *coping* para essas mulheres (Cerqueira, 2008). Elas de um modo geral, percebem a religião como sendo algo muito mais positivo em suas vidas, pois elas percebem esse suporte, que é tanto espiritual como institucional. Auxiliando inclusive, na superação da violência, como foi descrito em um dos trechos do diário de campo.

Porém, apesar da Igreja ainda ser um espaço conservador, foi possível perceber na fala das participantes algumas ideias mais progressistas em relação ao seu papel como mulher. Alguns ensinamentos que eram repassados antigamente, não fazem parte da vida de algumas dessas mulheres, como ser completamente submissa aos seus maridos, ao ponto de não poderem realizar atividades individuais, como faculdade ou trabalho remunerado. Isso teve muito a ver com a congregação que essas mulheres estavam inseridas, que pareciam não ser tão conservadora. O que pode demonstrar uma possível abertura da Igreja Católica às novas discussões sobre igualdade de gênero, que estão acontecendo com mais força atualmente.

Contudo, como já foi dito no decorrer da presente pesquisa, esse não é um trabalho quem tem o intuito de gerar conclusão definitivas, até porque a ciência possibilita a

renovação das informações (Minayo, 2009). Associar gênero e religião, ainda é um tabu, e por conta disso, o campo de pesquisa sobre esse assunto ainda é muito escasso (Duarte, 2004; Maria, 2015; Rosado, 2015; Rosado, 2017). E como já foi dito, a religião tem papel fundamental na vida das pessoas, estudar qualquer fenômeno a partir da perspectiva religiosa é fundamental para que, primeiramente, essa influência seja conhecida não apenas para os profissionais, como para quem está inserido dentro da religião. A fim de proporcionar uma visão mais crítica, e abrir a possibilidade de uma mudança significativa e benéfica para essa instituição, que apesar dos avanços, ainda se mantém muito fechada ao novo.

Assim como toda a pesquisa, essa teve lacunas em que não foram possíveis o aprofundamento, porém cria-se a possibilidade de se realizar maiores pesquisas nesse campo. Uma dessas lacunas que apareceram no decorrer da pesquisa, e que não foi possível aprofundar o assunto, foi o surgimento da influência de posturas mais conservadoras ou mais progressistas das congregações, nas quais essas mulheres participam. Ou seja, estudar de que forma essas posturas distintas das congregações podem influenciar na subjetividade dessas mulheres, e como isso pode ter impacto as atitudes e valores delas, inclusive na situação de violência. Ou até mesmo estudar como acontece esse fenômeno a partir da perspectiva de mulheres evangélicas, que são a segunda maior religião praticada no Brasil. E até mesmo estudar de forma mais abrangente, como a religiosidade pode influenciar na percepção dessas mulheres, independente da religião que elas pratiquem.

### Referências

- Antoni, C.D, & Koller, S.H. (2010). Uma família fisicamente violenta: uma visão pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. *Temas em Psicologia*, 18(1), 17-30.
- Bandeira, L. M. (2014). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, 29, (2), 449-469.
- Batista, J.M.S, Trigueiro, T.H, Lenardt, M.H, Mazza, V.A, & Labronici, L.M. (2013). O modelo bioecológico: desvendando contribuições para a práxis da enfermagem diante da violência doméstica. *Escola Anna Nery*, 17(1), 173-178.
- Bem-Hur, V. (2017). Medidas protetivas de urgência na Lei Maria da Penha. Em Bem-Hur, V., Caldeira, M. S. (Orgs). *Maria da Penha vai à escola: educar para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. (pp.32-37), Brasília: TJDF.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- Carvalho, A, Bucher, J.S, Almeida, P.C, & Souza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 86-92.
- Cerqueira, E.S. (2008). *Comportamento sexual e religiosidade: Um estudo com jovens brasileiros*. (Dissertação de Pós-Graduação não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Retirado de <http://hdl.handle.net/10183/13113>.
- Duarte, S. S. (2004). Revista Mandrágora: Gênero e religião nos estudos feministas. *Revista de Estudos Feministas*, 12 (N.E),22-130.
- Duqueviz, B.C. (2017). *Tecnologias Digitais: sentidos atribuídos por adolescentes à aprendizagem de língua estrangeira*. (Dissertação de Pós-Graduação não publicada) Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal. Retirado de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/23598>.
- Freitas, D. & Holanda, A. F. (2014). Conversão Religiosa: Buscando Significados na Religião. *Revista Interinstitucional de Psicologia*,7(1) ,83-95.

- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. Em Martin, W.B & Gaskell, G. (Org), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-99). Rio de Janeiro: Vozes.
- Kikuchi, P.C. (2015). Discutindo a influência da cosmovisão católica na construção da identidade de gênero e sua possível desconstrução a partir do trabalho de católicas pelo direito de decidir Brasil (CDDBR). *Revista Mandrágora*. 21, pp. 85-98.
- Leme, V.B.R, DelPrette, Z.A.P, Koller, S.H, & Del Prette, A. (2016). Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: Análise e perspectivas. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 181-193.
- Louro, G.L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Maria, J. P. (2015). Gênero e feminismo. Em Rosado, M. J. N. (Org.), *Gênero, feminismo e religião: Sobre um campo em constituição* (pp. 19-39). Rio de Janeiro: Garamond.
- Minayo, M.C. (2009). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Em Deslandes, S.F. (Org). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (pp. 9-31). Rio de Janeiro: Vozes.
- Morais, C.A, Borba, A. & Koller, S.H (2016). O uso do diário de campo no processo de Inserção Ecológica. Em Koller, S.H, Paludo, S.S & Moraes, N.A. *Inserção ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano*. (pp. 300-319), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Passos, E. & Benevides, R. B. (2015). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. Em. Passos, E, Kastrup, V & Escóssia, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. (pp, 17-31), Porto Alegre: Sulina.
- Pedrosa, M. (2017). A lei Maria da Penha. Em Bem-Hur, V., Caldeira, M. S. (Org). *Maria da Penha vai à escola: educar para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher* (pp.134-150). Brasília: TJDF.
- Pereira, J. A. (2010). *As multifaces do patriarcado: uma análise das relações de gênero nas famílias homo afetivas*. (Dissertação de Mestrado não publicada).

- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco. Retirado de repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9412.
- Pontes, B. & Cavalcanti, V. R. (2016). Religiões judaico-cristãs e o enfrentamento à violência de gênero: a realidade brasileira. *Mandrágora*, 22(2), 31-65.
- Rosado, M.J.N. & Citeli, M. T. (2010). *Violência simbólica: a outra face das religiões*. São Paulo: Católicas pelo direito de decidir.
- Rosado, M. J. N. (2015). As complexas relações entre religião e gênero. Em Rosado, M. J. N. (Org.), *Gênero, feminismo e religião: Sobre um campo em constituição* (pp. 7-19). Rio de Janeiro: Garamond.
- Rosado, M. J. N. (2017). Feminismo, gênero e religião – os desafios de um encontro possível. *Estudos de Religião*. 31(2), 65-76.
- Saffioti, H.I.B. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*.16, 115-136.
- Saffioti, H.I.B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Schraiber, L. B., Pires, A. F., Couto, M. T. & Santos, W. F. (2005). *Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Soihet, R. (1997). Violência Simbólica. Saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*. 5(1), 7.
- Tuzzo, S.M. & Braga, C.F. (2016). O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: O metafenômeno como gênese. *Revista Pesquisa Qualitativa*. 4(5), 140-158.
- Zanello, V. (2017). Violência contra a mulher: o papel da cultura na formação de meninos e meninas. Em Bem-Hur, V., Caldeira, M. S. (Orgs). *Maria da Penha vai à escola: educar para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. (pp.32-37), Brasília: TJDF.

**APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****Centro Universitário de Brasília****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Como se constitui a influência da religião católica nas mulheres, vítimas de violência.****Instituição dos(as) pesquisadores(as): UniCeub, Brasília.****Pesquisador(a) responsável: Leonardo Mello****Pesquisador(a) assistente: Yasmin de Souza Oliveira**

Olá! Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa chamada “Como se constitui a influência da religião católica nas mulheres, vítimas de violência”, realizada pelo curso de Psicologia do Uniceub. Sua participação é importante para ajudar a compreender melhor de que forma a religião católica influencia, ou não, na permanência das mulheres, vítimas de violência em permanecer nessa situação. A presente pesquisa ajudará na compreensão mais ampla do fenômeno, melhorando assim as abordagens das pessoas que trabalham em toda a rede de proteção da mulher.

Sua participação é voluntária. A pesquisa será feita a partir de conversas entre você e a pesquisadora, e também, a partir de rodas de conversa entre a pesquisadora, você e outras mulheres. Os únicos riscos existentes se referem à possibilidade de você entrar em contato com alguma emoção. Caso isso aconteça, nossa equipe está preparada pra te acolher e fornecer a melhor ajuda possível. Os benefícios podem ser vários, além dos já ditos acima: você poderá conhecer melhor os motivos das mulheres, vítimas de violência permanecerem nessa situação, além de poder entrar em contato com afetos e emoções suas que podem te ajudar a compreender e perceber se alguma mulher próxima a você também está passando por tal situação. Não se preocupe, pois tudo que você disser será mantido em segredo. As únicas pessoas que entrarão em contato com o que você disse será a equipe pesquisadora e outros usuários (na roda de conversa). E qualquer dúvida pode ser esclarecida à qualquer momento durante toda a pesquisa. Vamos participar?

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos, concordo voluntariamente em fazer parte do estudo..

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Participante

---

Leonardo Mello, celular 98270-7822 /telefone institucional 3966-1200

---

Yasmin de Souza Oliveira, celular 99213-5335 e/ou e mail yasmin,souza23@gmail.com

**Endereço dos (as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):**

Instituição: UniCeub.

Bloco: /Nº: /Complemento: SEPN 707/709 – Campos UniCeub – Asa Norte – Brasília – DF – 70790-075

Telefones p/contato: 3966 – 1200

## **APÊNDICE B – Instrumento de Coleta de Informações**

### **Roteiro de entrevista semiestruturada**

1. Há quanto tempo você se converteu ao catolicismo?
2. Com que frequência você participa das atividades da Igreja?
3. O que a Igreja diz sobre qual o papel da mulher na sociedade? E o que a Igreja diz sobre o papel da mulher dentro da instituição?
4. Qual personagem bíblico representa essa definição que você relatou?
5. Você concorda, em tudo, com esse modelo? Se não, o que discorda?
6. Quais as características de (nome da figura bíblica) você percebe em você mesma?
7. Quais características de (figura bíblica) você gostaria de ter? Porque?
8. O que é violência para você? E o que a religião diz sobre o que é violência?
9. O que você entende por violência contra a mulher? A Igreja fala sobre violência contra a mulher? Dê exemplos sobre esse tipo de violência dentro e fora da Igreja.
10. Na sua vivencia dentro da Igreja, você já percebeu esse tipo de violência ocorrendo? Ou você já foi vítima disso?
11. O que você acha que faz as mulheres permanecerem nessa violência?